

REVISTA

BULUNGA

abril de 2022 - número 4

neste número
**ENTREVISTA INÉDITA COM UM
AUTÊNTICO EXTRATERRESTRE**

e mais
**DICAS DE VIAGENS
SPOILERS
DIÁRIO DE UM CONFINAMENTO
PAPO-CABEÇA
PIADAS
e outras coisas legais**



Editorial

Inteligência é nome que se dá à capacidade de aprendizado com base na repetição. Não é exclusiva do ser humano e nada tem a ver com intelectualidade: uma pessoa pode ter muitos conhecimentos teóricos, ser capaz de decorar bibliotecas inteiras, mas o raciocínio pode ser comparado ao de uma anta, pois não consegue encontrar soluções práticas para problemas do cotidiano.

Existem diversos tipos de inteligência, e a espacial é uma delas. O melhor exemplo é o de Ronaldinho Gaúcho, famoso ex-jogador de futebol, possuidor de um surpreendente domínio da física, capaz de lançar a bola no exato lugar onde desejar, fazendo curvas impensáveis e utilizando outras partes do corpo que não necessariamente os pés.

Alguns animais possuem habilidades extraordinárias e podem ser considerados inteligentes, como espécies de macacos, golfinhos e específicas raças de cães, como os Border Collies, que conseguem até mesmo formar palavras, utilizando cubos ou fichas com as letras do alfabeto. Tivemos também a história do gorila Koko, que conseguia utilizar a linguagem dos sinais para conversar com a sua treinadora.

Determinados humanos, contudo, são incapazes de entender os mais básicos dos comandos, e não estamos falando daqueles detentores de anomalias cromossômicas ou de outros males de nascença. Exemplo disso são os políticos que podem ser insistentemente avisados de que "se roubarem, poderão ser presos", e mesmo assim jamais aprenderão. Podem até ser muito espertos, mas não inteligentes.

Há cerca de quarenta anos, fizeram uma experiência inédita com um ladrão, quando pretendiam provar que se retirassem partes do seu corpo, ele poderia se regenerar (a mente, não o corpo), e começaram tirando-lhe um dedo, mas o experimento foi suspenso pelas autoridades da época e o tal ladrão passou a roubar ainda mais, mesmo com um dedo a menos.

Na mesma época, realizaram outra experiência com um soldado, classe profissional que é treinada para seguir ordens sem raciocinar, mas esse era dado a falar pelos cotovelos, quando lhe foi dito que cada vez que ele dissesse alguma coisa de forma inconveniente, mesmo que fosse verdade, sofreria uma severa punição. Mas não funcionou.

Existem formas de se potencializar artificialmente a inteligência, sendo que a mais eficiente delas é a leitura diária de material isento de ideologias, que contenha uma análise crítica e bem humorada dos fatos, como é o caso da **Revista Bulunga**. A cada exemplar lido, o leitor ficará mais inteligente.

MASCULINO & FEMININO

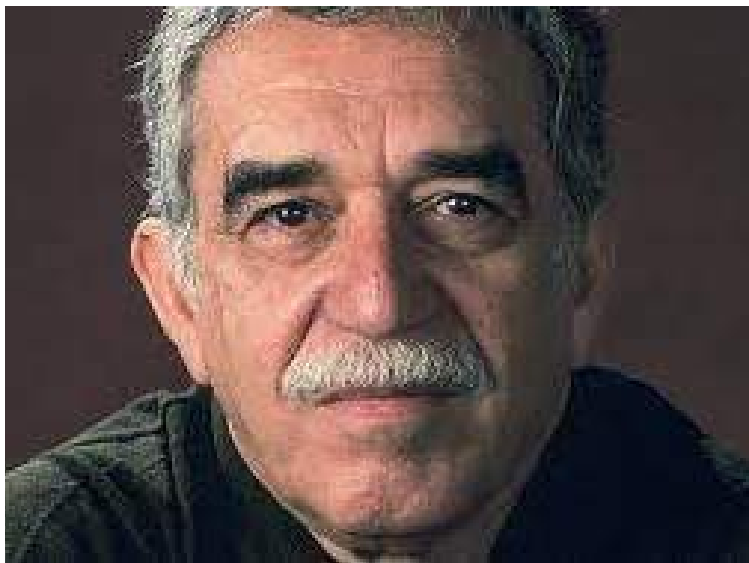


Pepeu Gomes cantava há décadas que “ser um homem feminino, não fere o meu lado masculino”, e naquele tempo a maioria dos cantores de rock, e também os da MPB, usavam roupas espalhafatosas, coloridas, brilhantes, com ombreiras gigantes, e também passavam maquiagem pesada no rosto, o que vários machos da época tentaram imitar, sem saber que muitos desses cantores eram, na verdade, gays ou meio-gays, não o Pepeu Gomes, mas o Elton John, o George Michael, o Lulu Santos, e até mesmo o Michael Jackson, que gostava de criancinhas, e para venderem os seus discos e ingressos para os seus shows, enganavam as fãs enlouquecidas, fingindo que eram homens modernos, e elas queriam que os seus namorados e maridos fossem que nem eles.

Não tenho preconceito, é bom dizer, pois tenho parentes e amigos gays, sendo que alguns deles nem sabem que eu sei que são gays, mas tenho pena das meninas daquela época, que choravam apaixonadas pelos seus ídolos afeminados, que depois tiveram que se conformar com os seus ogros fedorentos, naqueles bailes em que todos aguardavam ansiosos pela hora que entrariam as músicas lentas, os chicletes eram colocados no canto da boca, misturados com balas de eucalipto, refrigerante ou cerveja, isso sem contar as “batidas”, feitas com vodka Balalaika (mentira, acho que nem fabricavam essa ainda) leite condensado e suco de alguma fruta, pois as drogas pesadas não eram ainda tão difundidas naqueles tempos.

Estou falando de 40, 50 anos atrás, quando uma relativa inocência ainda predominava, quando o cenário musical ainda não era dominado por mulheres-bunda e os relacionamentos não se mostravam explicitamente descartáveis como são hoje, com uma geração perdida que mal sabe se prevenir de uma doença contagiosa. Não estamos falando de Covid-19 ou de suas variantes, mas de sífilis, gonorréia e AIDS, que voltaram a se espalhar entre os jovens deste milênio. This is the end...

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ



Gabriel Garcia Marquez nasceu em Aracataca, na Colômbia, em 6 de março de 1927, e morreu no México, em 17 de abril de 2014, tendo conquistado o Prêmio Nobel de Literatura pelo conjunto de sua obra, em 1982, mas todo o seu sucesso se deve ao aclamado "Cem Anos de Solidão", que conta a saga da família Buendía, ao longo de 100 anos de existência. Escreveu também "O Amor nos Tempos do Cólera", "Crônica de uma Morte Anunciada" e "A Incrível História de Cândida Erêndira e sua Avó Desalmada", apenas para destacar os mais famosos, mas escreveu muitos outros, alguns lançados postumamente, com coletâneas de artigos, crônicas e contos que escrevia para os jornais.

Quando tinha cinco anos de idade, os seus pais se mudaram com dez de seus filhos para Barranquilla e deixaram o menino Gabriel aos cuidados de seus avós, o que contribuiu decisivamente para aguçar a criatividade do futuro escritor, de tanto ouvir as histórias fantásticas de sua avó Doña Tranquilina Iguarán e do avô, o coronel Nicolás Ricardo Márquez Mejía.

Para quem não leu "Cem Anos de Solidão", e espero que o faça o mais breve possível, poderá ver o retrato da matriarca Úrsula Iguarán e seu impassível filho, o Coronel Aureliano Buendía, sem esquecer o patriarca José Arcádio Buendía, um sonhador incontrolável, com sua fascinação pela alquimia, certamente, uma referência ao seu pai, que era farmacêutico.

Com a morte do avô, quando tinha 8 anos, foi morar com os seus pais, onde passou a ter contato, na escola, com outras fortes influências, como os contos de "As Mil e Uma Noites" e o estranho livro "Metamorfose", de Franz Kafka, mistura que ajudou a criar o realismo mágico da literatura latino-americana.

Gabo, apelido com o qual era mais conhecido, tornou-se jornalista, se casou com Mercedes Barcha, com quem teve os filhos Rodrigo e Gonzalo. Foram anos de luta e dificuldades financeiras, até que explodisse o sucesso de "Cem Anos de Solidão", que mudou totalmente a sua vida.

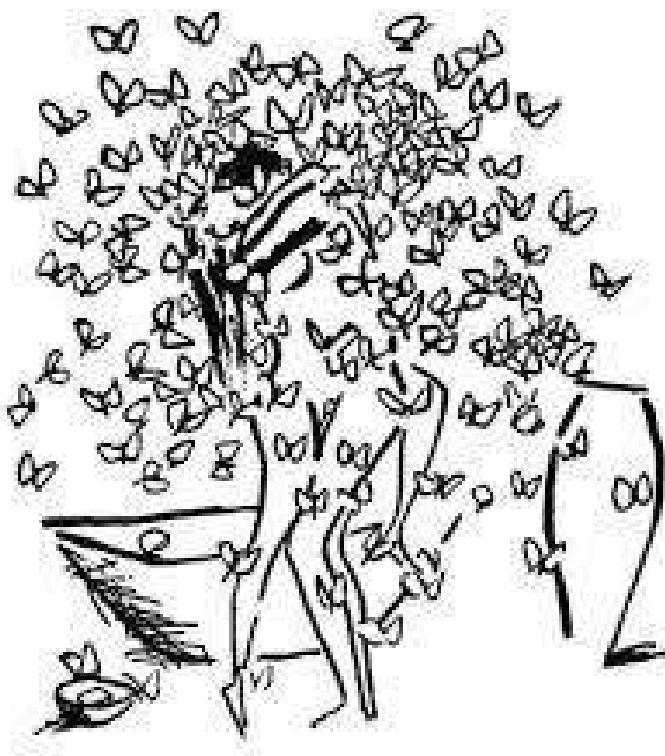


Quando começou a escrever este livro, resolveu largar tudo o que fazia para se dedicar integralmente ao livro, o que levou cerca de dois anos, salvo engano, deixando todas as obrigações, inclusive as financeiras, por conta da esposa, que acreditou fielmente na obstinação do marido, não com tranquilidade, possivelmente, pois teve que utilizar recursos de ilusionista para manter a família durante este período, solicitando empréstimos e favores que prometia pagar das formas mais improváveis, e esses acontecimentos são "romanceados" em seu livro, quando mostra o sofrimento de Úrsula com os desvarios de José Arcádio, como quando conheceu o gelo, trazido de lugares distantes pelo cigano Melquíades, ou quando adquiriu um potente imã, com o qual varreu todo o solo de Rioacha, infrutiferamente, em busca de tesouros perdidos, possivelmente enterrados pelo pirata Francis Drake.

Ler “Cem Anos de Solidão” é uma aventura eletrizante e solitária, e é considerado por muitos o melhor romance já escrito na história, sendo o sucesso deste livro tão avassalador que mudou definitivamente a vida de Garcia Márquez e de sua família, que se tornou uma celebridade mundial, reverenciado por críticos e Chefes de Estado.

Em “O Amor nos Tempos do Cólera”, aborda o amor de velhos, ou melhor, o desencontro de um casal, o telegrafista, violinista e poeta Florentino Ariza e Fermina Daza, que poderiam ter sido felizes desde o princípio, não fosse a influência do pai dela, que a enviou para longe, forçando-os a viverem separados por meio século, até se reencontrarem na velhice. É baseado na história real dos pais de Gabriel García Márquez.

Ativista político dos mais influentes e apaixonado pelo subdesenvolvimento da América Latina, transitava com liberdade entre os palácios de Bill Clinton (EUA), François Mitterrand (França), Felipe Gonzalez (Espanha), tendo sido, até o final de sua vida, um defensor da política do ditador e assassino Fidel Castro, demonstrando que, apesar de genial, não sabia distinguir realidade de fantasia, o que gerou críticas ácidas de escritores como o chileno Roberto Bolaño e do peruano Mário Vargas Llosa.



OUTROS LIVROS DO AUTOR

"Memórias de Minhas Putas Tristes"

"Notícias de um Sequestro"

"Relato de um Náufrago"

"Doze Contos Peregrinos"

"Do Amor e Outros Demônios"

"A Aventura de Miguel Littín Clandestino"

"Os Funerais de Mamãe Grande"

"O Enterro do Diabo"

"O General em Seu Labirinto"

"Olhos de Cão Azul"

"Ninguém Escreve ao Coronel"

"O Outono do Patriarca"

"Cheiro de Goiaba"



www.kalamoseditora.com

ENTREVISTA

Tem muita gente que não acredita na existência de seres extraterrestres, apesar das evidências encontradas ao longo dos anos, em diversos pontos do planeta, como nos famosos Casos Roswell (1947) e Travis Walton (1975), ambos nos EUA, além do episódio conhecido como o ET de Varginha (1996), entre diversos outros indícios sempre negados pelos governantes de vários países, e que estão sendo finalmente revisados, após recentes relatos de oficiais de alta patente que resolveram contar alguns desses segredos, guardados a sete chaves, por várias décadas, por esses governantes.

Mas agora a Revista Bulunga consegue com exclusividade **uma entrevista com um autêntico EXTRATERRESTRE**, fazendo uso de um tradutor instantâneo fornecido por ele. Os ET's estão em um estágio avançado de evolução, se comparados aos humanos, e às vezes fica difícil para eles entenderem algumas coisas que para nós são absolutamente normais, como o voto obrigatório, o reconhecimento de firma em cartório, o casamento e o divórcio.

O nome dele é Brwlghtzflmx (este é o som produzido pela sua língua), é um jovem viajante especial, formado em física quântica e viagens interplanetárias (obviamente).

A entrevista durou cerca de 10 horas, pouco menos do que normalmente duram os Podcasts da internet, mas nos pareceu não ter passado mais de dez minutos, pois eles utilizam uma espécie de acelerador de tempo, o mesmo usado para estudarem os discursos de nossos políticos e juristas, assim como as falas dos paraninfos em formaturas.

BULUNGA – Por quê vocês demoraram tanto tempo para fazer contato com os seres humanos?

ET – Os humanos sempre foram considerados uma espécie hostil, e temíamos que nesse primeiro contato pudessem querer nos devorar: afinal, vocês comem de tudo o que existe no planeta.

BULUNGA – E por falar nisso, o que vocês comem?

ET – Criançinhas... calma, é uma brincadeira! Nós possuímos um sofisticado senso de humor, diferente dos seres humanos, que por qualquer motivo querem “cancelar” uns aos outros. Na verdade, nós comemos uma espécie de fungo cultivado na camada mais rasteira do chão regado pelo orvalho, sob as copas das árvores mais altas... algo semelhante aos cogumelos que vocês consomem.

BULUNGA – Só comem isso?



ET – Eles contêm todos os nutrientes que precisamos. Se fossem pensar bem, vocês também não precisariam comer proteína animal, mas parece que o sofrimento das espécies abatidas com requinte de crueldade dá força a vocês. É muita adrenalina consumida. Por isso brigam tanto e fazem tantas guerras...

BULUNGA – Vocês não fazem guerras?

ET – Nossa espécie tem bilhões de anos e disputas como essas ficaram no passado. Vocês ainda terão muito tempo pela frente, isto é, se não destruírem este planeta de uma vez por todas. E está faltando pouco.

BULUNGA – E por quê escolheram falar exatamente com os editores de uma revista como a nossa?

ET – Depois de muita análise, conseguimos concluir que vocês não representariam qualquer ameaça para o nosso povo, pois lá em nosso planeta, tipos como vocês são conhecidos como uns “zeros à esquerda”.

BULUNGA – É uma honra de nossa parte...

ET – Não há de quê.

BULUNGA – Como funciona a propulsão de suas espaçonaves?

ET – Nossas naves são alimentadas diretamente com lixo e pudemos constatar que o seu planeta produz essa matéria-prima em larga escala, o que poderia facilitar o seu transporte pelo Universo. E não precisa ser necessariamente lixo na forma física.



Captamos em nossas turbinas toda espécie de lixo intergaláctico. Você sabia que as ondas sonoras e televisivas podem atravessar o espaço sideral e alcançar os lugares mais inimagináveis? Nós recolhemos vários lixos que vocês produzem: tem as músicas da Anita e da Luisa Sonza – o Funk em geral – tem o Big Brother, o Jornal da Globo, os programas do Faustão, do Rodrigo Faro, do Celso Portioli, mas ficamos muito chateados porque vocês pararam de produzir os Programas do Gugu, da Xuxa, da Mara Maravilha, do Geraldo Luís e do Gilberto Barros. Mas o que mais gostávamos mesmo era “A Hora do Brasil”, que tinha uns locutores com as vozes empastadas: esse programa proporcionava uma propulsão extremamente poderosa para as nossas turbinas.

BULUNGA – O Gugu morreu num acidente muito mal contado, mas os quatro últimos ainda fazem uns bicos vez ou outra na TV. Acho que “A Hora do Brasil”, ainda é transmitida, pois é um programa obrigatório. Só mudou de horário.

ET – Ótimo! Vamos tentar sintonizar. Como disse, dão um impulso enorme para os nossos motores.

BULUNGA – Tenho comigo uma curiosidade: como funciona o sexo entre os ET's?

ET – Juntamos os dedos mínimos da espécie masculina com a feminina. Eles se grudam como uma ventosa e o ato dura aproximadamente cinco segundos.

BULUNGA – Só isso?

ET – Isso corresponde a duas horas de uma relação sexual humana, com dez vezes mais intensidade.

BULUNGA – Uau! E existe a homossexualidade entre os ET's?

ET – Os dedos de dois elementos do mesmo sexo não grudam.

BULUNGA – Já experimentaram passar cola Super Bonder?

ET – Você tem algum problema de cabeça?

BULUNGA – (tosse) Mudando de assunto... Fale pra nós: como é o dinheiro de vocês?

ET – Nós não possuímos dinheiro. Tudo o que precisamos está disponível ao alcance de todos. Não existem classes sociais em nosso planeta. Por isso não precisa haver corrupção.

BULUNGA – Seria uma espécie de socialismo?

ET – De forma alguma. No socialismo tudo é nivelado por baixo. As pessoas não querem trabalhar porque percebem que se acaso se esforçarem mais, apenas beneficiarão os outros, que são uns vagabundos. O governo centraliza tudo e todo o povo se torna dependente desse governo. E assim ninguém se empenha em produzir, e o resultado é a miséria e a fome.

BULUNGA – Mas nesse sistema de vocês o governo não precisa intervir?

ET – Simplesmente não há governo em nosso planeta. Onde há governo, há corrupção.

BULUNGA – Tem razão. Mas me diz uma coisa. Como é que foi o tal episódio do ET DE VARGINHA?

ET – Como você já sabe, há muitos anos nós estamos observando o seu país. Já visitamos todos os estados e várias cidades.

BULUNGA – Varginha, por exemplo...

ET – Foi um episódio bem desagradável. Nosso piloto estava apertado e resolveu descer naquela cidade para fazer um barro em um lote vago e aí foi flagrado por três meninas, que fizeram o maior escândalo. Saiu em todos os jornais da época...



BULUNGA – O cara deve ter ficado traumatizado.

ET – Ele tomou o maior susto. Foram meses e meses de prisão de ventre. Nunca mais quis voltar aqui.

BULUNGA – O que você tem a dizer sobre a misteriosa “área 51”?

ET – É o lugar onde fabricam aquela cachaça que leva o mesmo nome...

BULUNGA – Pare de zação... você sabe do que estou falando.

ET – Ah, sim (risos), lá num deserto, nos EUA. O Serviço de Inteligência norte-americano se estabeleceu naquele lugar depois que descartamos pela janela de nossa espaçonave um produto que acabaram copiando, acreditando se tratar da mais alta tecnologia extraterrestre, mas era apenas lixo ultrapassado, e que deu origem aos seus atuais telefones celulares, Nós não precisamos mais dessas coisas para nos comunicarmos a longas distâncias. Estamos no estágio mais avançado da telepatia.

BULUNGA – Legal... E para terminar, uma última pergunta: você tem alguma relação com aquela dupla “Rodolfo & ET”?

ET – Que pergunta mais idiota!

BULUNGA – Sem dúvida... Vamos apagar essa pergunta.

ET – Não tem como. As besteiras que vocês falam ou fazem aqui na Terra ficam registradas para sempre no Universo. Mas existe um aparelho que nós fabricamos que consegue fazer com que ao menos se esqueçam dessas coisas.

BULUNGA – Que nem aquele do filme “MIB - Homens de Preto”?

ET - Mais ou menos isso...



BULUNGA – Será que você me empresta esse aparelhinho?

ET – Pra quê?

BULUNGA – Tem uns lances do passado que eu queria esquecer... alguns relacionamentos que não acabaram bem...

ET – Se você utilizar esse aparelho poderá até esquecer, mas correrá o risco de ser lembrado a qualquer momento pelas pessoas de seu convívio... para que fosse 100% eficiente precisaria alterar os seus registros de identidade, fazer uma cirurgia plástica no rosto e até mudar de cidade ou país.

BULUNGA – Ah, assim é bem complicado... mas foi bom saber. De qualquer maneira, obrigado pela entrevista.

ET – Obrigado coisa nenhuma: é dez real (risos). Brincadeirainha...

OS IRMÃOS MARX

por Jorge F. Isah



Os Irmãos Marx, juntos com Charles Chaplin e Buster Keaton formaram, provavelmente, o triunvirato do humor cinematográfico, os verdadeiros reis da comédia. Se Keaton era um ator excepcional e fazia rir sem mudar o menor traço em suas feições (o oposto dele seria Jerry Lewis, outro grande comediante), Chaplin era um mímico formidável, enquanto The Brothers Marx eram o verdadeiro caos, a babel instalada nos palcos e na tela, porém com uma precisão incrível. Todos vieram de famílias que trabalhavam no mundo do entretenimento, mais especificamente o gênero vaudeville (no Brasil, algo do tipo mambembe), cujos limites não estavam restritos à simples interpretação mas também afeito ao estilo circense, sendo, portanto, bastante popular na Europa e América, e incluía músicas, danças, animais treinados, acrobacias, mágicas, e tudo o que pudesse fazer a diversão dos espectadores, inclusive a comédia, certamente o ponto alto dos shows.

Nesse ambiente, os Irmãos Marx foram introduzidos, ou melhor, estavam inseridos, portanto nada mais natural foi seguir os passos da mãe e do tio (Abraham Elieser Adolf Schonberg, que adotou o no-

me artístico Al Shean), e desenvolver habilidades para os palcos.

Aprenderam música, tornaram-se instrumentistas, intérpretes, eram palhaços, acrobatas, quase tudo aprendido de maneira intuitiva, assistindo a repetição exaustiva dos mais velhos, entregando-se ao exercício de imitar e reproduzir-lhes as performances, e assim aprimorar esses estilos.

Nascidos em Nova York, filhos de imigrantes judeus (a mãe era alemã, de Dornum, Frísia Oriental, e chamava-se Minnie Schoenberg, e o pai, Samuel Marx, francês, de Mertzwiller, uma aldeiazinha na Alsácia), fizeram boa parte das apresentações do início de carreira na cidade, principalmente na região onde moravam, Upper East Side, bairro formado por imigrantes irlandeses, alemães e italianos.

Diz a lenda, que o pai, “Sam”, era melhor cozinheiro do que alfaiate, profissão que abraçou a fim de sustentar a família de forma regular, pois o teatro, cheio de altos e baixos, nem sempre era suficiente para custear as despesas. Sam e Minnie tiveram seis filhos e uma filha adotiva.

O primogênito, Manfred (Manny), morreu aos sete meses de enterocolite com astenia, em 1886. Os demais, em ordem cronológica, e a origem provável dos seus cognomes, foram:



Chico nasceu Leonard Marx, em 22.03.1887, e existem duas hipóteses para o apelido. A primeira, por perseguir as “galinhas” ou garotas fáceis em seus tempos de adolescente. Então, nada mais simples do que chamá-lo de Chico (pronuncia-se Chick-o), derivado de “Chicken” em inglês. A segunda, se deve ao seu significado em italiano, garoto ou rapazinho. Muitos relatos dão conta de ser ele o preferido da matriarca, Minnie (na certa por vir após a morte de Manny), e geralmente causava ciúme em Groucho.

Harpo nasceu Adolph Arthur Marx, em 23.11.1888. A origem do apelido é bem mais simples, pois vem do seu virtuosismo em tocar Harpa, que aprendeu sozinho, pois a família não dispunha de recursos para pagar um professor.



Groucho nasceu Julius Henry Marx, 02.10.1890. Tornou-se o mais famoso irmão Marx. Era mais novo que Chico e Harpo, mas foi o primeiro irmão a aparecer em uma apresentação, quando tinha 14 anos. Seus irmãos se uniram a ele para formar um grupo de comédia teatral que brilhou na Broadway nos anos 1920

com suas canções satíricas, números de dança, humor absurdo e as inevitáveis apresentações de Harpo na harpa e de Chico no piano. As piadas corrosivas, os trocadilhos e tiradas inesquecíveis (algumas reproduziremos ao final), acompanhadas do arquear de olhos, bigode e sobrancelhas toscamente pintados com graxa transformaram Groucho em um clichê, um ícone, sendo que ainda hoje podemos ver cartuns, pinturas e camisetas, além de fantasias de carnaval com os seus inconfundíveis óculos, bigodes e sobrancelhas, vendidos largamente no mercado.



Zeppo nasceu Herbert Marx, em 25.02.1901. Consta que o apelido se deve à primeira viagem do dirigível Zeppelin à América coincidir com o seu nascimento.



Gummo nasceu Milton Marx, em 23.10.1892. Seu apelido é mais simples e advém dele sempre estar mascando chicletes ou goma, “gum” em inglês. Alguns sugerem também ser pelo fato dele usar galochas de borracha.

Tiveram também uma irmã, **Polly**, a mais velha, que era uma prima que o casal Marx adotou desde a mais tenra idade, nascida em janeiro de 1885, mas que seguiu outros caminhos.



Por essa época, quando a comédia ganhou cada vez mais destaque nas apresentações musicais dos Marx, os seus personagens foram se aprimorando e ganhando as características a torná-los em grande sucesso, primeiro, nos teatros e cabarés e, por fim, na Broadway, depois as telas dos cinemas. Groucho começou a usar o bigode pintado e adotou o andar curvado. Chico, sempre envolvido com garotas, brigões e jogos, desenvolveu seu personagem para um trambiqueiro incorrigível e detentor de um falso sotaque italiano. Harpo, optou pelo mutismo, adotou as buzinas e a mímica incomparável como forma de se expressar. Curioso notar o fato de Harpo decidir não falar mais porque suas falas não faziam sucesso nos palcos. E o caminho, não tão óbvio

mas sábio, foi o mutismo. Zeppo era o galã, o mocinho a encantar as donzelas, servindo de “escada” para os demais irmãos. Ele substituiu Gummo na trupe quando eclodiu a I Grande Guerra, e Gummo foi chamado a servir no exército. Na verdade, detestava atuar e considerava qualquer coisa, até ir para o front, melhor. Pode se ver, portanto, que muitas das características dos personagens se assentavam em suas personalidades e traços peculiares.

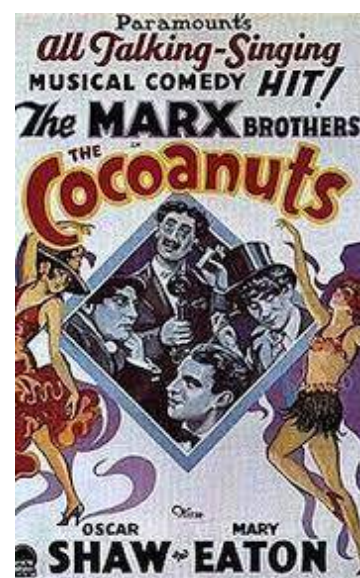


Harpo, Zeppo, Chico, Groucho e Gummo

Em 1920 eles haviam se tornado célebres no teatro americano, por conta do humor ácido, perspicaz e singular, ao mesmo tempo esquisito e original. Sob a batuta de Chico e Groucho, que gerenciavam toda a parte artística dos espetáculos, enquanto Minnie cuidava de agenciá-los e promovê-los, rapidamente se tornaram estrelas na Broadway. Minnie, para não ser associada à mãe da trupe, alterou o nome para “Minnie Palmer” e assim enganar quem os pudesse contratar. Daí para o cinema, foi um passo. O primeiro contrato veio com os estúdios Paramount, onde ficaram de 1929 a 1933, realizando cinco filmes. O primeiro deles foi “Cocoanuts” (Hotel da Fuzarca), e o último “Diabo a Quatro” (Duck Soup), sendo considerado o melhor dessa fase. Zeppo deixaria o



de pneumonia, em 1936, e a parceria foi subitamente interrompida. Groucho foi categórico ao dizer que os dois melhores filmes realizados por eles foram sob a batuta de Thalberg. Em 1937, saíram da MGM e foram para RKO.



Nos anos seguintes, fizeram aparições individualmente e em duplas, nos teatros, cassinos, rádio e eventualmente na TV. Groucho firmou-se como apresentador do programa *You Bet your Life*, até o início dos anos 1960.

Eles não atingiram a fama de Chaplin, Stan e Laurel ou dos Três Patetas, mas certamente influenciaram e inovaram as comédias, com um jeito despojado, fora dos padrões da época, as vezes ingênuo mas nunca inocente. Fizeram rir multidões, e ainda fazem. Influenciaram gerações e gerações de comediantes que não se cansavam de citá-los como referência, de Woody Allen a Mel Brooks, de John Cleese aos Monty Python, passando por Alan Alda e Elliot Gould, David Zucker e Jim Abrahams.

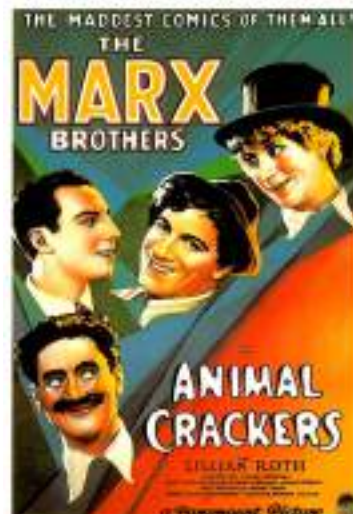
Não vale a pena deixar as datas de suas mortes pois Os Irmãos Marx, em sua singularidade, são eternos. E as provas estão aí: pode-se assistir as suas comédias na Tv, ou comprar boxes de seus filmes digitalizados, até mesmo em Blu-Ray. Aprecie sem moderação!



o grupo disposto e não mais atuar, assim como o irmão Gummo, e ambos criaram uma das maiores agências de talentos da época, em Hollywood.

Pelas mãos do produtor Irving Thalberg, com quem Chico jogava cartas todas as noites, se transferiram para a MGM, e acrescentaram ao seu humor anárquico, a pedido de Thalberg, uma forte estrutura narrativa, a torná-los mais simpáticos.

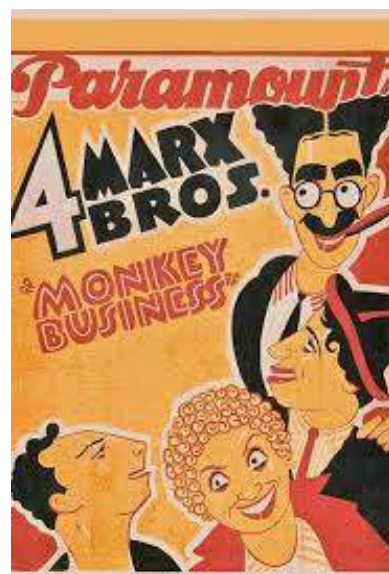
Em meio à comédia, mesclaram tramas românticas, números musicais sérios, e o embate com vilões óbvios, tornando-os mais acessíveis ao público acostumado à dicotomia em outros artistas da época. Dessa época são: Uma noite na Ópera (*A Night At The Opera*, de 1935) e Um Dia nas Corridas (*A Day at the Races*, de 1937), películas onde a produção conseguiu explorar as muitas habilidades dos três irmãos, arrancando risadas incontroláveis das plateias mundo afora. Foi durante as filmagens do último que uma tragédia se abateu sobre os Marx: Thalberg morreu



A curta passagem pelo novo estúdio resultou em um único filme, "Room Service", de 1938, quando retornaram à MGM para mais três filmes: *At the Circus* (1939), *Go West* (1940) e *The Big Store* (1941).

Neste último, Chico e Harpo sentaram-se ao piano e interpretaram "Mamãe eu Quero", sucesso brasileiro de 1937, composta por Vicente Paiva e Jararaca, tornada mundialmente conhecida pelas mãos (e voz) de Carmen Miranda.

Antes do lançamento do último filme, os irmãos anunciaram que o grupo se dissolveria e estavam abandonando as telas. Entretanto, em 1945, devido aos constantes e sérios problemas financeiros de Chico, proveniente de dívidas de jogo, os dois remanescentes foram convencidos a filmar novamente. Assinaram com a United Artists: *Uma Noite em Casablanca* (1946) e *Loucos de Amor* (1949), quando definitivamente aposentaram a trupe.



FRASES CÉLEBRES DE GROUCHO MARX

“Não entro para clubes que me aceitam como sócio.”

“Eu nunca esqueço uma cara, mas no teu caso ficarei satisfeito em abrir uma exceção.”

“A sinceridade e a honestidade são as chaves do sucesso. Se puderes falsificá-las, estás garantido.”

“Acho a televisão muito educativa. Toda as vezes que alguém liga o aparelho, vou para outra sala e leio um livro.”

“A política é a arte de procurar problemas, encontrá-los em todos os lados, diagnosticá-los incorretamente e aplicar as piores soluções.”

“Eu pretendo viver para sempre, ou morrer tentando.”

“Se acredito na vida após a morte? Não sei nem se acredito na vida antes da morte! Acho que acredito na morte durante a vida”

“Eu tenho princípios. Se você não gosta desses, eu tenho outros.”

“A filosofia é a ciência que nos ensina a ser infelizes da maneira mais inteligente.”

“Há muitas coisas na vida mais importantes que o dinheiro, mas custam tanto...”

“Eu não posso dizer que não discordo de você.”

“As noivas modernas preferem conservar os buquês e jogar fora seus maridos.”

“O humor é a razão a enlouquecer.”

“Nenhum homem desaparece antes do seu tempo - a não ser que o seu chefe saia primeiro.”

“Você prefere acreditar em mim ou em seus próprios olhos?”

“Eu não sou vegetariano, mas como animais que são.”

“Entre uma mulher e um charuto, escolherei sempre o charuto.”



“Foi um juiz que me casou. Eu deveria ter pedido um júri.”

“Ele pode parecer um idiota e até agir como um idiota, mas não se deixe enganar: é mesmo um idiota!”

“Eu quero ser cremado. Um décimo das minhas cinzas devem ser dadas ao meu agente, assim como está escrito em nosso contrato.”



NOS CUIDAMOS DAS SUAS ROUPAS PARA VC!



- Lavagem de roupas em geral
- Passadoria
- Remoção de manchas
- Limpeza de tapetes, lenis, cortinas, redes e outros
- Lavanderia Self-Service

Mão de obra qualificada, produtos de qualidade e equipamentos modernos a sua disposição!

Av. Agostinho Ribeiro, 704 - Casa 6
Bairro: Belo Horizonte - MG. 30575-634
SEG a SÁB - 09:00 às 18:00 | SÁB - 09:00 às 13:00
Em frente ao supermercado Dia

(31) 3374 - 7281
(31) 98902-9482



A CASA QUE JACK CONSTRUIU

Costumo tentar ser engraçado em minha análise de filmes, para poupar o espectador de assistir algo ruim, mas dessa vez não teve jeito e vou ter que falar sério. Neste final de semana, estava procurando um filme para passar o tempo e vi uma chamada no Telecine Cult, acerca de uma produção com Matt Dillon, Uma Thurman e Bruno Ganz, “A Casa que Jack Construiu”. Pensei: tem chances de ser bom, pois os atores são ótimos.

Assim, comecei a assistir, mas logo de cara percebi que era um filme estranho, uma narrativa meio arrastada e uma sequência de cenas pouco convencionais. Era sobre a história de um serial killer, o que não é o tema de minha preferência, apesar de ter assistido outros, como “O Silêncio dos Inocentes”, mas, ainda assim, resolvi prosseguir.

Porém, o filme foi se tornando cada vez mais estranho, com requintes de crueldade mostrados nas cenas, de uma forma quase “pornográfica” e desnecessária, por serem tão explícitas, o que normalmente ocorre nos filmes de conteúdo sexual, mas nesse, só mostraram uns peitos em duas cenas.

Resolvi dar uma parada para o café e fui verificar a ficha técnica na internet, e penso que deveria ter adivinhado: direção de Lars Von Trier, o mesmo de “Ninfomaníaca I e II”, filmes que não tive paciência de conferir, exatamente por saber que Trier foi o cofundador, juntamente com Thomas Vinterberg, do movimento “Dogma 95”, uma “revolução” do cinema Dinamarquês, que produziu uma série de lixos como “Os Idiotas”, que presunçosamente se queriam fazer passar por filmes de arte.



A única coisa interessante nesses filmes eram as tomadas de câmera, aparentemente sem cortes, numa sequência que nos daria a impressão de ser o ponto de vista do espectador, em movimento pelos ambientes, quase sem interrupção, o que, possivelmente (posso estar errado), veio influenciar outros diretores, como o competente Alejandro González Iñárritu, com o seu premiado “Birdman”.

Por isso, vou direto ao final: Jack mata um monte de gente e armazena os corpos num grande frigorífico, e com eles constrói uma “casa”, empilhando-os e os amarrando com cabos e fios. E recebe a visita de Virgílio, interpretado por Bruno Ganz, uma clara menção ao poeta romano, e com ele vai visitar o inferno.

Obviamente, o fundo do inferno tem um rio de lavas fumegantes, com uma ponte interrompida, e Jack vai tentar alcançar o outro lado, escalando a parede pelo canto, mas acaba caindo. Fim do filme.

Uma Thurman aparece apenas nas primeiras cenas, como uma caroneira inconveniente, que de tanto irritar o protagonista, brincando com a possibilidade de ser ele um serial-killer, que ele mata a linguaruda e pega gosto pela coisa.

Tem gente que gosta de filmes de terror, outros gostam de suspense, há os que gostam de policiais, psicológicos, dramas, aventuras e comédias, mas qualquer que seja o tema, deve trazer uma mensagem, podendo até ser uma mensagem repulsiva, para que possamos refletir e não nos enveredarmos pelos caminhos tomados pelos personagens. Não é o caso de “A Casa...”. Não passa de um filme desnecessário, assim como os demais dirigidos por Lars Von Trier.





PAPO-CABEÇA

o Idiota, de Dostoiévski

por Jorge F. Isah

A primeira vez que li “O Idiota” foi antes de completar meus dezoito anos; um exemplar emprestado à Biblioteca Pública de Minas Gerais, quando os livros eram realmente caros (ainda o são, mas não tanto como antes) e a possibilidade de tê-los, mesmo por um par de semanas, era através dos poucos e imprescindíveis acervos públicos, aos quais incluo o Sesc, Sesi, etc. Porém, em BH, nenhum deles tinha o conjunto de obras tão vasto e diverso quanto a B.P.E.M.G. Foi lá que tomei conhecimento de autores nunca citados, sequer ouvidos, como André Gide, Sinclair Lewis, Salinger, Dos Passos, Faulkner, Prost, Henry James e Camus, entre outros. Boa parte da minha adolescência gastei-a em tardes vasculhando as estantes e a folhear quase todos os livros ao alcance dos olhos e das mãos. Podia-se levar apenas dois exemplares para casa, o que significava a ida duas ou mais vezes por semana a fim de devolver e pegar outros volumes. Com o tempo, e a experiência, comecei a tomar livros cada vez mais grossos, no intuito de ir não mais de uma vez por semana. Há de se entender que

as condições de se arcar com o custo das passagens de ônibus, de casa ao centro, era algo oneroso para um ginasiário morador da periferia. Minha mãe se esforçava em custeá-las, mas não era justo expô-la a um sacrifício desnecessário... Por mais de vinte anos fui habituê daquela casa, ao lado do antigo Palácio do Governo, na Praça da Liberdade. Posto isso, não o escrevo para me vitimar ou coisa que o valha, mas fazer o leitor entender a importância da literatura em minha vida; não fui o melhor leitor, com certeza, e nem sei se sou um bom leitor hoje, entretanto era-me, assim como é, algo indispensável.

Acalentava, havia algum tempo, o desejo de reler “O Idiota”, e apagar algumas das impressões absorvidas que me fizeram, de certa forma, odiar o protagonista, príncipe Liév Míchkin. Vou explicar: naquele tempo, talvez a imaturidade ou arrogância, sei lá, o herói tinha de ser alguém capaz o suficiente de comandar o próprio nariz, não quanto à sabedoria ou capacidades de es-

colhas lógicas e virtuosas, mas à rebeldia, a quebra dos padrões morais e institucionais (sim, a mentalidade revolucionária estava presente e atuante), e nem mesmo o amor poderia ser sacrificial, auto negador e cordial. Talvez a leitura de o “Apanhador no campo de centeio”, poucos dias antes, influenciou na aversão ao príncipe; pois, para mim, era impossível existir uma alma tão pura, benigna, tolerante e pacificadora como a dele... Haveria alguém assim no mundo? Dostoiévski não estaria a construir um indivíduo utópico, insólito e extravagante? Quem se disporia a ser assim? Se angustiar e punir por não ser ainda melhor?... Em nada se parecia com o mimado e rebelde Holden, de Salinger. E isso pode ter pesado muito no meu desagravo.

Havia ainda o fato de Míchkin ser uma personagem completamente despojada de vaidade, orgulho e, pode-se dizer, amor-próprio. A alcunha de “idiota” parecia cair-lhe bem demais, e a isso acabou por acostumar-se e, algumas vezes, reconhecer publicamente. Nem pessoas definitivamente asquero-

sas e perversas como Rogójin, Ippolit, Liébediev eram afastadas do seu convívio, tratando-as generosa e fraternalmente, perdoando-as mesmo sem que pedissem, enquanto tramavam às suas costas. Para mim, o pior de tudo era o príncipe saber quem eram e do que eram capaz, de não estar iludido quanto a qualquer um deles, e mesmo assim reservar-lhes clemência, misericórdia, compreensão... compaixão. Se ao menos estivesse enganado ou desconhecesse suas índoles, ambições e condutas, eu entenderia; mas não era o caso: parecia que quanto mais íntimo de suas indignidades, mais permitia estarem à sua volta, rodeando-o à espreita, como lobos sobre a presa.

Pois bem, parte dessas sensações persistiram na segunda leitura, a diferença é que, tendo hoje uma cosmovisão cristã que não tinha à época, consigo entender os motivos pelos quais Dostoiévski criou um personagem tão abnegado e altruísta. Ele é o molde, o exemplo de Cristo, e de muitos santos a permear a história. Nitidamente é o padrão de santidade que o autor imprime, num momento histórico no qual as pessoas são cada vez mais interesseiras, egoístas e dispostas aos conflitos e vinganças. O príncipe Míchkin é um puro, de uma pureza quase ingênua mas sábia, incapaz de julgamentos apressados, de sentenças imediatas, de rancor e desforra. E assim, aos olhos dos homens comuns, não passa de idiota, incapaz de compreender as pessoas e suas ações, disposto a sacrificar-se pelos pecados alheios, sem qualquer esperança de ser reconhecido em seu esforço. Ele o faz por si mesmo, a sua ética e moral não estão associadas aos favores de outrem, mas exclusivamente pela sua incapacidade de aspirar o mal e ser incompreensível; como se ao presenciar a inaptidão das pessoas em decifrá-lo, em penetrar-lhe o íntimo, o insuflesse a entendê-las em suas desordens.

Neste sentido, eles são os idiotas, em seus rompantes e desejos primitivos... Há de se lembrar também o fato do príncipe ter características do Dom Quixote de Cervantes, e até mesmo uma explícita alusão de Aglaia, ao compará-lo com o “Cavaleiro Andante”, tornou-se um apelido; acabando por ser mais um motivo de zombaria e desprezo em seu círculo (a intenção de Aglaia não foi de pilhéria, mas realçar características a tornarem o príncipe tão simpático e, talvez, romântico, aos seus olhos; entretanto, ninguém considerava-o dessa forma).

Toda essa ligação religiosa com o cristianismo tem a finalidade de combater o niilismo, sendo aquele o antídoto para este. Em vários momentos, o príncipe discorre sobre o assunto postulando ao cristianismo a superioridade em relação a outros sistemas, em especial a única maneira de combater e erradicar o niilismo das terras russas. Talvez, por isso, em um mundo onde as correntes apontavam para uma

existência sem significado, onde tudo era infundado e reduzido ao materialismo imediato, ele defendia valores incompreendidos e impossíveis de aceitação em uma sociedade viciada pelas aparências e a confusão dos sentidos. Para ele, nada podia ser meramente aparente; nada poderia ser desconectado da essência humana que, em não poucos aspectos se ligava a Deus. Atacado por todos os lados, tentou resistir, mas até mesmo alguém desprendido e generoso se perde em suas dúvidas; não que elas se relacionassem à corrupção ou imperfeição do bem, mas se ele era capaz de consegui-la pelos seus próprios meios e esforços, se não havia nada mais que pudesse fazer a fim de colaborar para a manifestação das mais sublimes virtudes. Ele desejava ser bom não porque isso traria benefícios a si mesmo, mas os direcionava ao próximo, e era o fundamento da natureza humana. A cena final do livro, em que ele afaga piedosamente a cabeleira de Rogójin, consolando-o após este cometer desatino movido por vingança e orgulho, demonstra o quanto o príncipe se compadecia, e até certo ponto entendia, o sofrimento e as consequências de vidas tresloucadas, firmadas no individualismo, no egoísmo, na crença de nada ser importante, de não haver fundamentos, nem a chance de alcançá-los... E se os alcançar, qual a razão para se tê-los? Resta, no fim, a loucura, os pecados, a transformar semelhantes em explícitos inimigos. E Míchkin enlouquece, não por si mesmo, mas pela incompreensão que, via de regra, leva-o a não entender a si; e os seus “sacrifícios” são mistérios, quando não ignorados são tratados com preconceito e violência.

Reler, portanto, *O Idiota*, fez-me encontrar elementos e pontos não identificáveis ou esquecidos nos longínquos anos da primeira leitura. Não é um livro fácil. Suas mais de 700 páginas não devem, contudo, tornar-se empecilho ou entrave para o leitor se privar de texto magistralmente escrito, onde não se encontra o homem ideal, aos moldes ideológicos e comportamentais planejados neste tempo, como um quebra-cabeças planejado, montado com apenas um modelo ou tipo de peças, sem se encaixar em nenhuma outra e produzir a imagem geral da humanidade. Dostoiévski não produz mentes seriais, clones de um mesmo doador, mas destrincha, investiga, extrai o de mais verdadeiro, e também falso, a habitar este ser dual: indivíduos e suas gentes. Por isso, o deleite de ver-se, de alguma forma e em alguma proporção, nas personagens do velho e bom Fiodor somente pode trazer o conhecimento, a intimidade, da qual as gerações posteriores a ele se especializaram em negar, a privar-se; e, assim, como muitos se especializaram, criar um arquétipo de si mesmo, confundir-se e ignorar quem seja e o que seja. Leitura imprescindível!

Diário de um Confinamento

crônicas de Michel Salomão

capítulo

11

Demorei a perceber que alguma coisa havia mudado quando algumas pessoas pararam de me cumprimentar. Primeiro foi a Velha Fumanchu, com o seu cachorrinho irritante, mas até aí tudo bem, pois ela devia ter suas razões para ser tão indigesta, além considerando que, além de velha era feia (nem todas são), fumava muito e isso talvez justificasse a sua cara azeda. Mas não era só ela: alguns vizinhos, que antes me acenavam cordialmente, as atendentes do supermercado e da farmácia, das quais havia me tornado quase íntimo, pessoas que ocasionalmente encontrava nas ruas vazias, também passaram a desprezar as minhas simplórias manifestações de convivência, quando tentava lhes dirigir um “bom dia”, uma “boa tarde” ou “boa noite”, ou mesmo um “olá”, e assim cheguei a pensar que o problema era comigo. O que fiz com eles? Será que a minha foto estaria estampada nas páginas dos cadernos policiais? Realizei algumas pesquisas rápidas no Google e, por último, corri no espelho do banheiro para ver se ainda havia alguma imagem de mim. Um pouco mais velho do que a última vez que havia me observado mais atentamente, alguns cabelos a menos, algumas rugas a mais, mas ainda era a mesma pessoa, não tão bem acabado quanto gostaria, mas era dessa forma que as pessoas deveriam me enxergar. Somente então percebi que seriam essas as primeiras manifestações do vírus: a atitude antissocial.

Com o confinamento, as aulas passaram a ser ministradas por videoconferência. Até aí tudo bem, mas já imaginávamos que algumas coisas esquisitas começariam a acontecer. Em uma Faculdade de Direito em Franca, São Paulo, um professor se meteu em uma encrenca, quando uma aluna deu mole, ao dizer que não poderia abrir a câmera, pois havia acabado de sair do banho e estava peladona. O professor entrou na onda e disse que daria a ela um ponto se abrisse a câmera. Além de não abrir, a garota gravou a conversa e espalhou para o seu grupo do whatsapp e a notícia viralizou. O mais certo teria sido ela falar com o professor que não estava conseguindo abrir a câmera por problemas técnicos, mas preferiu “lacrar”, termo muito usado pelos jovens de hoje. Para piorar a situação, o professor havia enviado uma mensagem para todos os alunos afirmando que jamais utilizaria a pontuação por qualquer que fosse o motivo não relacionado às provas, mas que tiraria DOIS PONTOS de quem replicasse a mensagem da colega.

capítulo

12

capítulo

13

Hoje pela manhã voltei a ver a Velha Fumanchu e o seu cachorrinho irritante. O cigarro na boca não poderia faltar. Havia muitos dias que não a via, e posso afirmar que bateu um sentimento de ausência, não sei qual nome possa dar, mas passei para o outro lado da rua com os meus cachorros, porque sabia que ela não iria me cumprimentar. Não que eu sinta falta de um mínimo gesto de cordialidade por parte dela, mas posso dizer que não acho agradável ser desprezado dessa maneira. Afinal, eu não sou cachorro não! Os meus bichos, sim, são da espécie canídea, enquanto sou da homínídea, e a velha é da fumanchídea. Não tenho raiva dela, juro, mas não posso mentir que sua falta de educação muito me incomoda. O pior é que para quem está de fora dessa "relação" vai pensar que sou tão mal-educado quanto ela, mas não sou. Ou sou? O problema é que ela acabou conseguindo mudar o meu jeito de ser. Serei assim tão fraco e influenciável a ponto de tornar-me um velho ranzinza só por causa de uma velha fumante e seu cachorrinho irritante?

Para dizer a verdade, seu cachorro nem é assim tão irritante. Nem late, o miserável. Fica apenas com aqueles seus olhos esbugalhados e seu focinho atrofiado cheirando as excrecências de seus semelhantes. Ele não é da raça Yorkshire, como sempre tenho dito, mas é um Shitzu mestiço com alguma outra coisa feia. Quase impossível imaginar que essa raça, assim como todos os outros cães, excetuando o Husky Siberiano, tenham se originado do lobo um animal tão imponente. Fico imaginando a Velha Fumanchu passeando pelas ruas com um lobo. Será que ele tentaria devorá-la? Acho que não.

Óticas em Belo Horizonte existem centenas, talvez milhares. Mas charmosa como a **Óptica Metrópole** não existe igual. Fundada em 1980 pelo simpático Zé Antônio, funciona em uma pequena galeria no estilo "Art-Decó", ao lado de onde existiu a mais famosa loja de departamentos da cidade, a Sears Roebuck, & Co, até meados daquela década, nos tempos em que ainda funcionava o famoso Cine Metrópole, nas esquina de Rua Goiás com Bahia. Somente lá você consegue encontrar aquele óculos diferenciado, que não conseguiria em lugar nenhum, alguns modelos sendo "garimpados" pelo seu proprietário, em suas viagens. Além disso, com uma experiência de 32 anos, somente a **Óptica Metrópole** pode indicar as melhores lentes para o seu conforto visual. O endereço é Rua Bahia, nº 105-A, em Belo Horizonte. Telefone (31)3226-3212 e (31)98482-1525 - e-mail opticametropole@gmail.com





O DESAFIO DE SER "PÃE"

O ser humano busca a permanência, a estabilidade, mas a única certeza que se tem é da impermanência. Busca-se o controle de tudo, o planejamento, a agenda aterrorizante com todas as metas do dia, do mês, do ano. Ainda há as metas a curto, médio e longo prazo. Há metas para a vida financeira, social, familiar, amorosa, espiritual, etc. Tudo isso ocorre porque homens e mulheres buscam a perfeição nessa Terra cheia de imperfeições. Diante desses quadros da vida, mesmo com o crescente números de divórcios, muitas ainda optam por construir uma família e aderem ao perigoso plano do "casamento".

Diante desses desafios, muitas mulheres, com a melhor das intenções, planejam e executam esse perigoso plano. Muitas querem passar a vida toda ao lado dos eleitos do seu coração. Todavia, por motivos alheios às suas vontades, esse sonho se esvai e o planejamento não ocorre como esperado. Assim, entram para a "infeliz" ou "feliz" estatística das divorciadas, separadas, desquitadas. E como a única certeza é da impermanência, de uma hora para outra, é necessário adaptar e aderir ao desafiador "plano B": ser "PÃE", meio pai e meio mãe.

As mulheres, diante daqueles olhinhos cheios de amor, sedentos de atenção e carinho, atuam como verdadeiras PÃEs. Nesse assunto, a criatividade impera. Muitas planejam desde piqueniques no parque a passeios radicais, como subir ao Pico da Bandeira ou dar volta de bicicleta pela cidade. Tudo isso para trazer alegria aos rebentos dos nossos corações, embora o corpo peça repouso. Apesar de fazer tudo isso, muitas enfrentam os temíveis "Pára Casa" das escolinhas; os pediatras e nutricionistas inquisidores; a lancheira que, infelizmente, não possui vida própria; os uniformes parecidos com pano de chão e os palpites de plantão com soluções mágicas para criar os nossos filhos.

E os desafios das "Pães" não param por aí. Muitas mulheres teimosas, corajosas, obstinadas, desejosas de viver uma vida épica, mesmo com todas as intercorrências, buscam novas experiências. Afinal, não deixaram de ser mulheres. Algumas, no brevíssimo tempo da estada dos filhos com o pai, buscam subir montanhas, fazer trilhas no meio do mato, andar de bicicleta, visitar amigos ou participar de baladas. Outras, saem para dançar o "forró", a dança de salão mais queridinha do nosso Brasil e ainda chegam em casa, às pressas, para colocar o filho para dormir. Algumas, mais sortudas, possuem uma mãe, uma irmã, uma amiga, que deveriam ser canonizadas, pois aceitam o encargo de ficar com os nossos rebentos para vivenciarmos novas experiências. Na verdade, são cúmplices de nosso projeto.

Como dito, a alegria é uma escolha. Apesar dos "supostos" malefícios da separação, considerados, por muitos, como uma morte em vida e, para outros, um recomeço; a mulher separada, como qualquer ser humano, tem o poder de decidir viver com tristeza, afundadas em antidepressivos e reclamações infinitas, ou **VIVER COM ALEGRIA**. E essa alegria pode ser cultivada conforme as peculiaridades de cada uma. É sabido que a única certeza é da constante mudança e, sendo assim, adaptar às situações novas é uma questão de sobrevivência para uma espécie, como diriam os biólogos Lamarck e Darwim.

Além de se buscar uma vida épica cheia de desafios, o que ultrapassa e muito a simples "sobrevivência", a qual traz muita satisfação pessoal, nós, descendentes da Eva, não podemos dar o gostinho de derrota para os "miseráveis" traidores, avaros, manipuladores e narcisistas, destruidores de planos santos. Afinal, somos filhas de um Deus vivo, criadas à sua imagem e semelhança, empoderadas desde o berço, e sempre teremos o plano B, C, D. Sempre.

Nádia Moreira Santiago

A TRÉGUA E O LUDOPÉDIO

Em tempos de guerra, não poderíamos deixar de falar sobre algo que literalmente mexe com os ânimos e nervos das pessoas. Há comoções, análises, discussões acaloradas, profecias (a quase totalidade, palpites) e opiniões de todos os lados, normalmente sem qualquer conhecimento dos fatos e baseadas apenas e tão somente nas tendências ideológicas de um e de outro.

A guerra, por si só não basta, é preciso haver combates nos lares, escritórios, salas de aula, ônibus, metrô, e, pasmem, nas salas de cirurgias. E os dias se arrastam, enquanto imagens de um cãozinho abandonado, um velhinho desencantado, ou uma criança chorando, repetem-se à exaustão nas telas e touch screen mundo afora. Não censuro quem age assim, é sinal de que nem tudo ainda está perdido, mas existe um componente de hipocrisia na identificação com o sofrimento estrangeiro e quase nada com a dor pátria. É mais fácil e seguro escolher por quem se solidarizar, não é?

Neste momento, milhares de velhos, crianças e animais sofrem tanto, ou quase tanto, como os ucranianos, sírios e cristãos (existem lugares, e não são poucos, onde o cristão é sistemicamente condenado à espoliação, tortura e morte). E, talvez, a explicação esteja no pouco ou nada a se fazer com os gringos, enquanto o muito a ser feito aos compatriotas se ignora e mantém-se a ilusão de agir humanamente, quando não passa de egoísmo e insensibilidade. Com isso, não estou a generalizar, pois é evidente haver em todos os lugares bons e maus exemplos, mas a falar de uma parcela de pessoas cujo discurso é sempre lindo e altruísta, mas as ações se tornam egocêntricas e desinteressadas.

Contudo, este não é o tema principal, ainda que tenha relação, pois quero voltar a 1914, o início da I Grande Guerra, e um fato a marcá-la mais do que as estratégias e conflitos, havendo um silêncio quase obscuro dos livros, documentários e aulas de história sobre ele; onde a alusão deu lugar ao mais completo lapso.

Em meio aos combates, aproximou-se a época do Natal, alguns meses após iniciarem-se os prélios. Em Ypres, na Bélgica, onde ingleses e alemães se entrincheiravam em suas lutas, ocorreu uma trégua não oficial, decretada pelos próprios soldados. Então, enfeitaram os campos com motivos natalinos, entoaram canções natalinas, e os inimigos se uniram em uma grande celebração a fim de festejar e homenagear o nascimento do Salvador. Durante seis dias, a zona de morte se tornou em lugar de vida, regada à mais simples e genuína alegria. Fico a pensar naqueles momentos, onde as discordâncias, as rugas e o ódio, o antagonismo e o



belicismo fora substituído por abraços, conciliação, paz e eufonia, motivados por um símbolo, mas também o modelo, a figura, a congregar todos os desejos de união fraterna... Já imaginou Putin, Maduro, Zelensky e Biden formando o time "A" da ONU? E Cameron, Bolsonaro, Xi Jinping e Scholz no time "B"? Só não pode chamar nenhum deles para a arbitragem... É certo que a maioria tome cartão vermelho, e a partida seja suspensa por



pode-se mesmo justificar a sua supressão por um direito tirânico, seja os campos de extermínio na Sibéria, em Dachau, ou na clínica Parenthood mais próxima; seja nas ruas, lares, morros e arranha-céus; seja qual for o método, se a vida não é valorizada, não existe trégua, nem armistício, nem vitoriosos, apenas bilhões de vencidos, e que não são meramente vítimas mas verdugos de si mesmos. Sim, falo do óbvio, não de estratégias e manobras da novilíngua orwelliana a fazer com que se pense que tudo é vida, e deve ser preservado a todo custo, mesmo a morte.

Aquele Natal, um século atrás, onde até mesmo uma partida de futebol foi realizada, pôs fim às tréguas não oficiais, e todos, a partir de então, estavam aprisionados, a massa de rebeldes, às conquistas a que somos amealhados mas jamais chamados, tal como gado para o arado. Porque o convite se pode recusar, mas o laço, ah, o laço!, depois do nó dado, não se solta, nem dele se sai.



falta de quórum.

Voltando ao que interessa, quão doloroso foi, certamente, retornarem à guerra e cumprir ordens marciais, sob pena de, ao não fazê-lo, tornarem-se traidores e sumariamente condenados à morte. Evidente haver sempre, e em todos os lugares, alguns, ou muitos, a se oporem à concórdia pelo íntimo desejo de ruína e extermínio, o bem a não ser sequer lembrança, muito menos o absoluto pelo qual os homens e seus atos devam ser contidos e, em último caso, julgados. Isto para a fortuna geral, mas também individual, sem a qual nenhum direito ou liberdade será tangível, a despeito dos infinitos discursos e enunciados ofertados e prometidos, ao manipular paixões, sentimentos e convicções; e o fim ao qual dizem buscar estará distante e, cada vez mais, inatingível à humanidade.

Não falo de opiniões e suas divergências, nem de gostos e vontades subjetivas, mas de algo objetivo e sem o qual ninguém, no passado, hoje e nunca, dirá: “celebremos e nos fartemos, porque a vida não vale nada, e o apreço a ela é desmerecido”... e



Por fim, a vida é simples, tem seus obstáculos e perigos, claro, mas a tornamos em algo tão insano, contraditório e inconciliável que não restou outra coisa senão a guerra. E o placar nunca será 0 x 0.



por Jorge F. Isah



CONVERSA DE CRENTE

Existem cristãos e Cristãos, com “c” minúsculo e “C” maiúsculo. Porém, a maioria ignora que o Cristianismo é a religião dos seguidores de Jesus, o Cristo, o Filho de Deus, e prefere se dizer adepto de alguma das denominações criadas por algum de seus seguidores, como Pedro, Lutero, Calvino, Arminio, Wesley, entre outros, que originaram os ramos das igrejas Católica, Luterana, Anglicana, Presbiteriana, Anabatista, Batista, Metodista, Adventista, Maranata, Mórmon, etc., isso sem contar as Pentecostais e as Neopentecostais, que se subdividem entre milhares de outras, todas brigando para que sejam reconhecidas as suas verdadeiras verdades.

Vejam que estou falando apenas das religiões cristãs, pois existem diversas outras por aí, com gente que acredita até mesmo na divindade de uma máquina de churros.

O que está valendo é que Jesus veio trazer mudanças com o seu Evangelho, que significa “boas-novas” ou “boas notícias”, sem necessariamente revogar o Velho Testamento, sendo que **amar** é o seu mais importante mandamento: amar a Deus acima de todas as coisas, amar ao próximo como a si mesmo, arrepender-se dos pecados, reconhecer Jesus como o nosso único salvador (porque ele morreu por nós e ressuscitou no terceiro dia, o que tem gente que duvida), e fazer discípulos pelo mundo. Só isso tudo!

Assim, o ato de “evangelizar”, de fazer discípulos, tornou-se uma obrigação para todo Cristão (com “C” maiúsculo). Isto porque não haveria igrejas suficientes pelo mundo para espalharem a palavra de Deus para esse verdadeiro formigueiro de gente perdida, sem rumo, sem fé e sem salvação.

Sem Deus, as pessoas partem para as guerras, para o desespero consumista e imediatista, que leva à ansiedade, aos vícios com drogas, aos roubos, à prostituição, aos assassinatos, à depressão e ao suicídio. O mundo sem Deus é o caos que estamos vendo tomar conta do mundo.

Não, não pense que basta ir à igreja todo domingo, não adianta fazer cara de bonzinho, cantar os louvores, comer a hóstia ou participar da ceia, devolver o dízimo e fazer uma oferta em dinheiro, para depois sair às ruas e cometer as barbaridades de sempre.

O evangelizador tem que estar preparado, precisa saber abordar as pessoas, ou será visto como um chato. E a maioria é chato mesmo, pois fica apontando o dedo no nariz dos outros, gritando e cuspidando que não se pode fazer isso ou aquilo, disparando uma infinidade de versículos bíblicos, enquanto ele mesmo faz as suas coisas erradas às escondidas. O nome disso é **hipocrisia**, o que mais atrapalha o processo de evangelização, porque afasta o potencial “candidato”. Por isso, o evangelizador deve levar uma vida correta, para dar o exemplo. Mas sem ser um chato.

Mas não se preocupe com os métodos, não fique tímido, e se precisar gritar, vá lá e grite, não se importe com o que eu falei, pois não sou o dono da verdade. A palavra espalhada irá certamente atingir o alvo, que pode não ser necessariamente o seu ou o meu alvo. É por isso que às vezes acontece um milagre com uma pessoa, ela é curada, mas nem se toca, continua com a vida errada de sempre, mas algumas pessoas ao redor acabam sendo profundamente sensibilizadas e se tornam cristãs. Pode acontecer até com este artigo: você descarta no lixo, alguém pega, lê e... pimba! Mais um cristão a caminho da salvação, mas não precisa ficar orgulhoso disso, pois o mérito não é seu. É apenas a sua missão.



“Ah, mas é muito ruim ser Cristão, porque não pode fazer sexo, beber, assistir filmes, comer churrasco, contar piadas”, você poderá dizer. Só que não é bem assim. O Cristão pode fazer de tudo, ou quase tudo, com moderação, pois **tudo feito com exagero pode fazer mal**. Conforme diz um amigo meu, até beber água em excesso faz mal: se o cara beber muita água, pode acabar morrendo afogado.

Todo mundo sabe o que é lícito e o que é ilícito; o que é pecado ou não. Ah, sabe, sim! Na maioria dos casos, quem finge que não sabe é porque não quer largar o vício, quer viver na esbórnia e se chafurdar no mal. Conforme mencionei pouco atrás, o Cristão precisa se arrepender dos seus pecados e não repetir o erro. Em outras, palavras, ele precisa se “converter”.

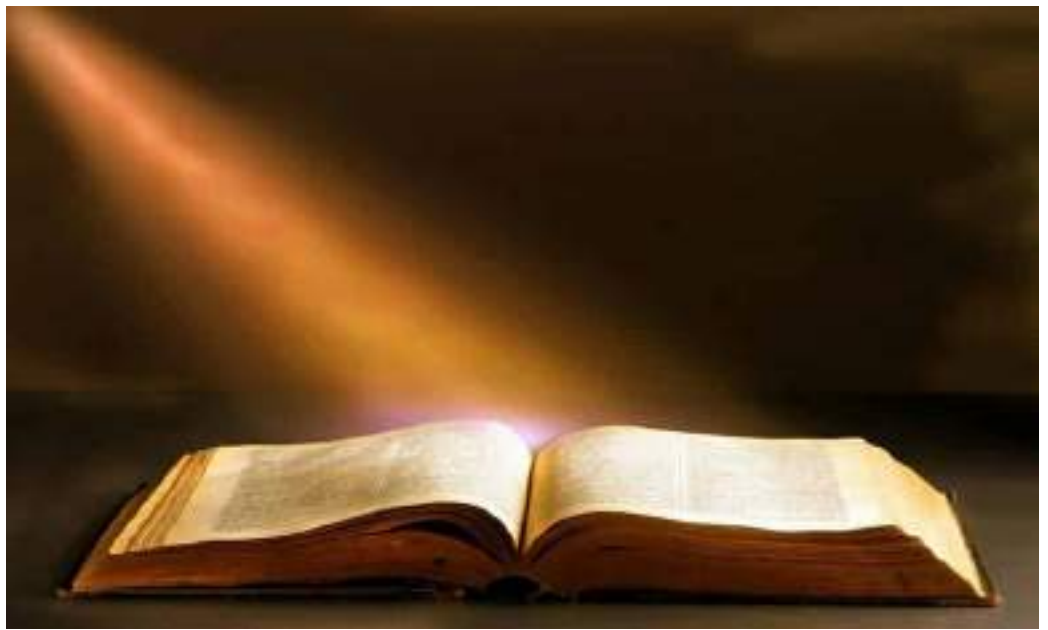
“Mamãe, socorro, ele está querendo me converter!”

Mas o que significa conversão? Conversão é o ato de mudar de rumo. Quando a coisa não está boa, quando você começa a se sentir encurralado, a tendência é buscar uma saída.



Normalmente, para que alguém se converta é preciso que haja uma série de acontecimentos impactantes anteriores para fazê-lo se “dobrar”: uma doença grave ou acidente com risco de morte, a perda de um ente querido, uma decepção amorosa, a demissão de um emprego, a falência da empresa, um grande cataclismo, entre outros infortúnios que se possa classificar. Na maioria das vezes, um ganhador da loteria não se converterá com espontaneidade.

Tem muita gente que até reconhece que Deus é o pai, mas se esquece de Jesus, o filho: ambos fazem parte de um mesmo corpo, mas existe também o Espírito Santo, do qual falaremos mais adiante, senão você confunde a cabeça.



Curioso é saber que algumas religiões cristãs não costumam utilizar a Bíblia, preferindo reescrevê-la em trechos, até mesmo desaconselhando que seja lida, pois temem que algumas verdades possam ser reveladas.

O mais importante é falar que, com essas “boas novas”, para ser salvo, você não precisará sacrificar animais, repetir mantras, acreditar no poder de cristais ou outros objetos inanimados, chicotear as próprias costas ou subir escadarias de joelhos, até sangrar tudo, para mostrar que tem fé. **É só acreditar.** Simples assim.

Mas você ainda não sabe o que é ser salvo? Só posso adiantar que ao ser salvo, você sentirá uma verdadeira paz, e o mais legal é que você começará a se sentir assim ainda em vida e não precisará morrer imediatamente para isso. Você precisa desesperadamente encontrar a paz? Falaremos sobre isso no próximo número.



coluna do

Clodokill

Fernandes

Dieta Infalível

Nós, da Revista Bulunga, preocupados com a saúde dos gorduchos e obesos (será que se pode dizer gorducho e obeso? Ou é necessário usar de eufemismos como “polpudo” e “cheinho”?), aqueles que diariamente se submetem às mais diversas e impossíveis dietas, apresentamos um método infalível, capaz de fazê-lo perder não somente os quilos excessivos (e excedidos há muito, e muito) mas de garantir que o tamanho avantajado e indesejável não volte, o famoso efeito sanfona.

Sabemos que a gordura, e o ser balofo, não é apenas um problema estético, de modismo, mas está diretamente ligado à saúde; nem vou repetir as doenças que médicos e especialistas relacionam ao excesso de peso (tem centenas, quiçá milhares deles no Youtube), ainda que o politicamente correto insista em jogar na nossa cara, dia após dia, a adiposidade excessiva ser pura questão de estilo, ou seja, mais um jeito aceitável e a se promover, a fim de fazer os roliços e roliças não se sentirem excluídos nas publicidades, reality shows, novelas e programas motivacionais, sempre permeados pelo placebo psicológico, travestido de autoajuda. Ao ponto em que não considerar a obesidade um padrão de beleza (sic), seja lá o que isso signifique, configurar-se um abuso, bullying ou o mais sórdido e nefasto preconceito, quase um tipo de racismo (há quem defenda, e existem projetos neste sentido, de que o preconceito estético é racismo. E chegará o dia em que ninguém, mas ninguém mesmo, poderá denunciar a feiura, p.ex., das obras de Niemayer ou Portinari sem ser despejado em uma penitenciária).

A verdade está na cara (e no corpo), e se alguém se rende ao discurso identitário, e queira segui-lo, problema dele, e que arque com as consequências. De nossa parte, cabe-nos alertar para os riscos, individuais e coletivos, de em breve as ruas, calçadas e alamedas não mais existirem, e se tornem rampas e ladeiras onde todos os “polpudos” se movimentarão, dando voltas ou giros em si mesmo.

O assunto, portanto, é muito mais sério do que se imagina, podendo se tornar em uma epidemia capaz de causar enorme crise urbanística, onde as cidades se tornarão em tobogãs de rechonchudos. Para evitar o desastre no transporte, circulação, arquitetura e saneamento públicos, encontramos a melhor entre todas as soluções para uma dieta correta e eficiente, na qual o gordinho, ou gordinha, alcançará resultados surpreendentes, inimagináveis. Bastando seguir estas simples regras:

- 1) Amplie as fotos abaixo e fixe-as nos lugares mais visíveis: cozinha, sala de jantar, sala de tv, quarto e, até mesmo, no banheiro.

- 2) Ande com miniaturas das fotos em sua carteira, pochete ou bolsa, e sempre que a fome apertar, saque e observe-as por alguns segundos.

- 3) Sempre antes de dormir, e após acordar, não deixe de olhar atentamente as fotos, e certificar-se do estômago se revolver ao menos duas vezes, antes de concluir o processo.

- 4) Sempre que necessário, nos momentos de apego alimentar, tenha as fotos à mão para aquela olhadela providencial e salvadora (Este seria o subtópico do item 2,

mas como a descrição terminaria em número ímpar, desmembrei-as a fim de obter pares perfeitos). Agora, antes de ver as fotos certifique-se de estar com o bucho vazio, e não é preciso tirar as crianças da sala, pois elas devem aprender, desde a mais tenra idade, como evitar a glotonaria, para os menos entendidos, a gula ou comilança. Vamos a elas:



Ao ver esse prato, a melhor opção é dar no pé...

Não parecem chokitos boaindo na Baía de Guanabara?



Este é o nosso programa “Dieta Gótica”. Se não precisa emagrecer, garantimos momentos assustadores que o preservarão de entrar, no futuro, para as estatísticas alarmantes do Ministério da Saúde e O.M.S. Mas, se de tudo, nada adiantar e sair a comer os pôsteres e miniaturas, não tem jeito! Conforme-se com a sua fisionomia esférica, e deixe de prometer a cada quilo ganho, iniciar outra dieta. Foi a sua última chance.

Como esse bicho saiu do casulo?



Não tem como justificar esse desastre



Ninguém vai ter coragem de acender as velinhas?



Aquele que calçar 44 deve se apresentar imediatamente na cozinha



AUTOAJUDE-SE A SI PRÓPRIO

por Michel Salomão

A inveja é um defeito terrível que amarga as pessoas. O invejoso se corrói com o sucesso do outro, pois acredita que sua conquista não seja merecida. Um exemplo clássico é a história de Mozart e Salieri. De acordo com a narração (que alguns contestam), Salieri era um excelente músico, talvez tão virtuoso quanto Mozart, sendo que haveria espaço para o talento de ambos, mas em vez de se concentrar na própria carreira, perdia o seu precioso tempo tentando atrapalhar a carreira do outro.

Não é difícil encontrar gente assim, em nosso cotidiano. Conheci um cara tão invejoso, mas tão invejoso que no dia em que morreu quis passar para o velório ao lado, porque achou que o outro estava mais “chorado” do que o dele.

A inveja se desenvolve logo na primeira infância, quando podemos presenciar uma cena comum nas creches, com o bebê agarrando com as mãozinhas as penugens do outro bebê, porque quer aquela chupeta que é exatamente igual à sua. É a fase do “eu”, quando tudo é “meu”, “meu”, “meu”, preferencialmente o que pertença ao outro. A tendência é que este sentimento seja superado com o tempo. Porém, algumas pessoas não conseguem evoluir, tornando-se adultos extremamente problemáticos.



Não é errado desejar alguma coisa. Não é pecado ter ambição. Contudo, nesta vida existem os vencedores e os perdedores. Os integrantes do segundo grupo representam a maioria, sempre disposta a dizer que “isso não vai dar certo”, e conseguem influenciar uma quantidade enorme de pessoas que poderiam fazer parte do primeiro grupo, formado por aqueles que insistem em transformar sonhos em realidade. Mas existem pessoas especialistas em azararem os sonhos dos outros. Não dê ouvidos a essas pessoas.

Se você quer se dar bem, precisará desenvolver a habilidade de dominar os próprios desejos, para que não se frustre diante dos primeiros fracassos e não se torne um invejoso. Deve começar por realizar pequenas ambições do tipo “emagrecer dois quilos”, “comprar um tênis novo”, “esquecer os afazeres domésticos e tomar um sol”, para, somente depois, arriscar passos maiores. E ainda assim vai ter gente com inveja dessas pequenas conquistas, achando que você não emagreceu nada, que o seu tênis é falsificado



Comecei falando sobre inveja, mas preciso falar também sobre o egoísmo, mas é preciso saber diferenciar um do outro: o egoísta quer para si o objeto de seu desejo, enquanto que o foco do invejoso é a pessoa, e não propriamente o objeto desejado, porque acha que o outro não merece o que tem. São dois sentimentos ruins, que devem ser combatidos.

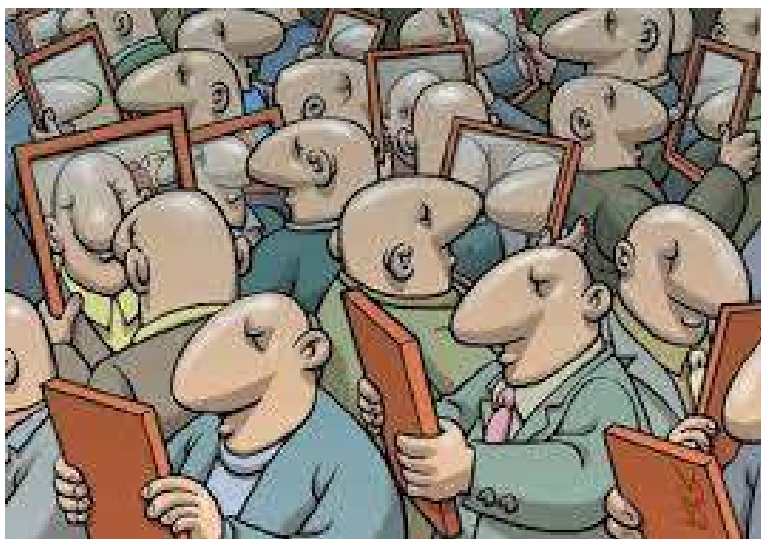
Contudo, você pode se inspirar nas conquistas de pessoas bem-sucedidas para obter as suas próprias, sem que seja invejoso. E muito menos egoísta. Os atletas fazem isso com frequência. Os atores também. Afinal de contas, imitar é uma das principais características de nós, humanos, quando entendemos que “na natureza nada se cria, tudo se copia.”



e que é um grande vagabundo, por ficar tomando sol pela manhã em vez de arrumar a casa. Não ligue para isso.

Seria muito complicado alguém querer comprar uma Ferrari quando se está falido. Não seria impossível, mas demandaria um esforço sobrenatural, e talvez um grande dispêndio de tempo até que esse sonho se torne realidade, a não ser que se enverede por atividades criminosas, como assaltar um banco ou entrar para a política, o que dá na mesma, mas desaconselho que faça isso.

Tive uma longa experiência trabalhando com recrutamento de pessoal e percebi que as pessoas em geral não demonstram o devido entusiasmo na hora da entrevista, mas apenas focam em suas contas vencidas, na despensa vazia, no presente que não conseguiram dar ao filho, quando deveriam se esforçar para demonstrar ao contratante que poderiam ser úteis para a empresa, porque ele não há de ser um filantropo, mas um capitalista que quer ver o seu negócio deslanchar.



Essas pessoas, geralmente, só queriam uma ocupação que lhes garantisse um bom salário, apenas isso. Não dava para perceber entusiasmo em sua busca.

Acaso perguntadas sobre seus objetivos naquela empresa, a resposta seria sempre algo como “a situação está ruim, emprego está muito difícil, preciso fazer qualquer coisa”.

Mas dava para notar os olhares invejosos de muitos naquela fila, ao virem sair o Diretor da empresa e entrar em seu carrão O km.

Lembro-me de um autor muito famoso que prometia um sucesso sem limites para aqueles que seguissem fielmente as técnicas infalíveis enumeradas em seu livro, mas que acabou se suicidando. Por isso insisto que sejamos coerentes, fazendo o impossível para seguirmos uma linha de conduta reta, para que as pessoas não se decepcionem em se espelhar em nosso exemplo, mas sem nos invejar, se possível. Espero que não sejamos espelhos côncavos e tampouco convexos, mas planos, e que possamos espelhar o nosso **bom exemplo** para as outras pessoas.



FEMINISMO COM FEMINILIDADE

por Daniela Savassi



Quando você busca por movimento feminista, vai encontrar algumas datas, nações e nomes. Em geral acusam seu nascimento na França e Países Baixos, por volta de 1806, migrando para o Reino Unido em 1890 e posteriormente Estados Unidos em meados de 1900 com o movimento feminista contemporâneo. Muitos atribuem seu surgimento à escritora francesa Simone de Beauvoir. Outros citam Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft, respectivamente ativista e educadora que estiveram nesse mundo entre 1748 e 1797.

Os motivos seriam, igualdade de gênero, fim ao regime patriarcal e poderíamos dizer que essa luta feminina ganhou força e maior notoriedade com o movimento Sufragista; aquele que buscava o direito da mulher de poder votar nas sociedades democráticas entre os séculos XIX e XX.

Ora, após esse brevíssimo resumo, bem a grosso modo mesmo, somente para contextualizarmos e introduzirmos o assunto dessa coluna eu não posso deixar de registrar minha inquietação e questionamentos.

Onde fica Eva e sua tomada de decisão que modificaria todo o rumo da nossa humanidade já no Éden? A virgem Maria, assumindo a responsabilidade de carregar o filho de Deus, gerar uma criança sem ser casada em uma sociedade que apedrejava mulheres como Maria Madalena, por exemplo que se tornou a única mulher, podemos dizer considerada apóstola, no seletivo grupo de seguidores homens de Cristo. Ou ainda Débora, juíza e profetiza que, se mostrou grande estrategista de guerra livrando seu povo da opressão ao lado do comandante e coadjuvante nessa história: Baraque.

Todos esses exemplos importantíssimos de forças femininas não podem ser ignorados. Não posso deixar de observar que o feminismo existe desde a criação do mundo, porque já no início a mulher foi dotada de poderes especiais, de uma resistência incomum, mas acima de tudo, de sensibilidade e feminilidade que jamais poderão ser desconsideradas.

Em todos os exemplos acima, podemos perceber mulheres magníficas, mas que não deixaram de demonstrar fragilidade ou generosidade. Jamais deixaram sua essência de sensibilidade tão bonita e que nos diferencia tanto dos homens, ser assassinada. Essa é a beleza do feminismo com feminilidade!

Cara leitora, e porque não dizer leitor? Pretendo aqui abordar o feminismo; esse tema tão importante; à luz do maravilhoso Universo Feminino que tanta me encanta.

Nossa posição é defender o feminismo, sem perder a essência feminina. Explicar como funciona nosso universo, nossas dores, nosso interior. O que nos move e o que nos fere. Contribuindo assim, para trazer uma maior compreensão e entendimento entre homens e mulheres.

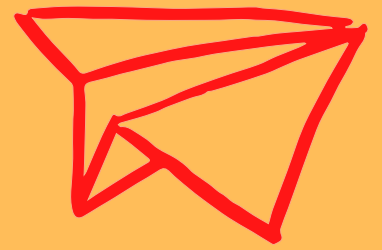
O direito brasileiro evoluiu bastante e, como jurista mequetrefe que sou, gosto muitíssimo da máxima da igualdade que pressupõe “Tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais”!

Não poderíamos jamais nos igualar aos homens e exigir igualdade! Temos que buscar o equilíbrio dentro de nossas diferenças. A mulher jamais será igual ao homem, nem melhor, nem pior. Apenas, completamente diferente. E é sob esses valores que devemos pautar nossa busca por direitos, por espaço, por respeito



Vamu cumê?

E VIAJAR?



Durante alguns anos, quando o preço do dólar não estava tão abusivo, fiz com a família o roteiro Nova York, Miami Beach e Orlando, sempre nos meses de dezembro e janeiro, e pegava uma neve, uma praia e me divertia na Disney, além das compras nos Outlets, pois era tudo extremamente mais barato do que aqui.

A Disney era onde mais me sentia bem: viver durante alguns dias na mais pura fantasia, sem os traumas das grandes cidades brasileiras, sem essa miséria agressiva e constrangedora, da qual não sou diretamente o culpado, sem essa mais absoluta e ofensiva injustiça jurídica e social, sem a corrupção dos políticos e do povo, apenas tendo que conviver com os congestionamentos e filas gigantes para os brinquedos, o que eu até relevava, pois estava ali para me divertir.



Difícil dizer o que mais gostava naquele “reino da fantasia”, pois tudo era maravilhoso, mas tinha uma certa preferência pelos parques Universal Studios e Animal Kingdom, apesar de me empolgar com o Magic Kindom, com o Epcot e até mesmo com o Hollywood Studios, que não era dos meus preferidos.

Uma das dúvidas de quem vai na Disney quase sempre é: onde comer? Isso porque a comida americana é muito ruim, mas dependendo de quanto você quer pagar, existem bons restaurantes dentro dos parques, que servem comida internacional, com preços toleráveis, o que ainda pode sair mais barato do que ficar comendo aqueles lanches de gordos para enganar a fome.

Americanos geralmente gostam de hambúr-



guer acompanhado de muita batata frita e aqueles copos de 700 ml de refrigerante. Mas também tem os insuperáveis macarrões com almôndegas, nadando em molho de tomates, os engasgantes Donnuts, e ainda as assustadoras coxas de peru ou os temíveis baldes de frango frito.

No Animal Kingdom, por exemplo, tem o Yak & Yet, que serve um dos melhores Mahi-Mahi que já comi (o melhor era do saudoso Planet Hollywood, em Nova York). No Epcot existem diversos tipos de restaurantes por naciona-





pois você estará pagando aproximadamente R\$500,00 por dia, por cabeça, e então vale a pena utilizar tudo o que tem direito. Gosta de montanha russa? A do Hulk, no parque da Universal é, para mim a mais tranquila, mesmo parecendo o contrário. Ela faz um looping e depois entra em um túnel a toda velocidade, o que impressiona um pouco, mas quando você está dentro dela é moleza. O mesmo não diria da Hollywood Rip Ride Rockit, que tem uma subida de 90° que é de matar, além dos loppings, que evitaria se estivesse de barriga cheia. Mas existem diversas outras, e tem as "simula-ções", em que você fica

lidade, mas eu buscava sempre almoçar no Pavilhão do Japão, onde encontrei pelo menos dois bons restaurantes, com preços populares. No Magic Kindom, lembro-me de ter comido no The Friars Nook e no Jungle Navigation, que são apenas razoáveis. No Hollywood Studios, lembro-me de ter ido algumas vezes no Harbour House, que serve comida "americana", mas que dá para o enganar o estômago, mas também fui em alguns outros que nem vale a pena citar. Na Universal Studios lembro-me do Lombard's Seafood Grille, que tinha algumas opções bem interessantes no cardápio, sem ser muito caro.

Contudo, você poderá encontrar restaurantes ainda melhores em todos esses parques, mas os preços já seriam um impedimento, pelo menos para mim.

Falei muito sobre comida, mas acabei me esquecendo dos brinquedos. Quer um conselho? Vá em todos, até nos mais aparentemente bobos,

deira suspensa em frente a uma cascata gigantesco, dando a nítida impressão que você está voando, como no Soarin (no Epcot) e uma outra no parque do Harry Potter, que não me lembro o nome. Tem também as atrações de "Os Piratas do Caribe", o "Expedition Everest", o "The Twilight Zone Tower", o "Mission Space", o "Parque dos Dinossauros", o "Star Wars", o "Avatar", entre outros mais recentes.

Em Miami Beach, além das praias que são maravilhosas, com extensas faixas de areia branca que me faz lembrar Cabo Frio, com suas espreguiçadeiras acolhoadas, além das gaivotas fazendo seus barulhos característicos, existem ainda excelentes restaurantes na Ocean Drive e na rua de trás, onde também podem ser encontradas boas lojas de griffe, com preços atraen-



tes aos olhos dos brasileiros. E você não pode deixar de conhecer o Sawgrass Mills, que é um outlet de proporções gigantescas, que levará, no mínimo, dois dias para que você conheça parte das lojas.

E Nova York... tem gente que ama e tem gente que odeia. Estou no primeiro grupo, e gosto apenas de ficar andando pelas ruas de Manhattan o dia inteiro, e à noite também. Se morasse lá, iria todos os dias de minha vida no Central Park, e também ficaria transitando pela Times Square até furar a sola do meu tênis, e também em China-



town, principalmente na hora do almoço, pois não é difícil perceber o quanto gosto de comida oriental. Em Little Italy, que fica logo ao lado, você poderá comer algumas massas legais, mas não tem tantas opções de lojas, e basta ir uma só vez, ficando entre duas e três horas por lá. Outra sugestão de grande utilidade é fazer um passeio naqueles ônibus de dois andares, que rodam Manhattan inteira, sendo que com uma passagem você para em um lugar, passeia por lá, pega o próximo ônibus, e vai parando em vários outros locais, preenchendo um dia completo, sem se cansar e sem gastar muito.

A melhor época para ir em Nova York é o ano inteiro, mas sempre busquei ir no inverno, para pegar uma neve e assistir o canto de um coral na noite de Natal, em frente à Igreja Saint Patrick. Imperdível!

É muito comum as pessoas fecharem “pacotes” de viagem para esses três destinos, mas aconselho a fazer as reservas de hotéis separadamente, pois os preços variam muito.

Recentemente, um amigo estava indo para Nova York e falou-me que havia reservado um quarto simples (eu diria extremamente simples)

em um Hostel que ficava perto do Central Park, com banheiro compartilhado. Disse que era o mais barato, por cerca de USD100,00 a diária, mas numa consulta rápida, mostrei para ele que havia um bom hotel, próximo à Times Square, com uma promoção imperdível, por USD107,00. É claro que naquela região é difícil achar alguma coisa por menos de USD250,00, mas vale a pena pesquisar. Já em Orlando, o ideal é alugar um apartamento em um “resort”, pois os preços saem infinitamente mais baratos do

que em hotéis, principalmente quando você vai com quatro ou mais pessoas, porque muitos deles possuem dois quartos enormes com duas camas king em cada, além de sofá cama na sala.



Em Miami Beach existem muitos hotéis pequenos, fora da orla da praia, com preços extremamente razoáveis. Certa vez, fiquei em um hotel em estilo cubano, em um prédio de apenas três andares, mas muito confortável, com um quarto enorme que comportou a família inteira (quatro pessoas) por USD140,00 a diária.

Podem estar certos de que assim que o preço do dólar cair para um ou dois reais, voltarei a fazer as minhas viagens internacionais. Enquanto isso, vou me virando por aqui mesmo.



APOCALIPSE

uma crônica de Jorge F. Isah

Há uma semana, recebemos a visita da minha sogra, e sogra sabe como é, se o fim do mundo ainda não chegou, está próximo; e desde que a vi pela primeira vez, algo me dizia que tudo estava por um fio. Pois ela não me deu trégua. No aeroporto, queixou-se de eu ter chegado meia hora antes, e, por isso, não pode me xingar pelo atraso não ocorrido. Mesmo assim, ralhou pela minha pontualidade, já que não saboreou adequadamente a raiva que não teve, mas ainda assim teve, de um jeito ou de outro, e não deixou de manifestá-la.

Em casa, eu e minha esposa trocamos de quarto, tentamos instalar dois colchões de solteiro no dormitório do bebê, mas não coube, sobrando-nos a sala, para ela ocupar a nossa suíte. Não satisfeita em roubar-nos o colchão magnético, o ar-condicionado, o banheiro privativo e a tv de 60 polegadas, reclamou que não podíamos deixar os colchões no caminho para a cozinha, já que tinha o péssimo hábito de assaltar a geladeira de madrugada.

- Mamãe, a senhora pode levar a comida para o quarto... – Disse a esposa.

- Tá louca, menina! E espalhar farelos sobre o lençol! Já viu o tamanho dos insetos daqui?

Lá fomos nós mudar os colchões de lugar e espremê-los entre o sofá e a porta. Não parou aí. No dia seguinte, a pedido da mulher, programei um churrasco surpresa à noite. Comprei carvão, carnes, pão-de-alho, refrigerantes, queijo e milho, pois a velha adorava milho assado. Enquanto acendia a grelha, ela aproximou-se de mim sorrateira.

- Que é isso?

- Ah, uma surpresa... Vou preparar um churrasco para você... – Falei, quase alegre, certo dela se render finalmente à minha hospitalidade. Cerrou os olhos, apertando-os entre as rugas e os pés-de-galinha, e disse:

- Lá isto é alguma surpresa?! Toma vergonha e seja mais criativo!... Não sei o que a Lurdinha viu em você... – Saiu pisando duro, sem sequer um obrigado ou “não precisava se incomodar”.

Por desaforo, o churrasco tornou-se questão de honra, vida ou morte; lasquei carvão para assar um elefante, busquei o ventilador, fazendo o máximo de fumaça possível, e desviei-a para a casa. Ela saiu praguejando e ameaçando dar queixa de mim à polícia por tentativa de homicídio. Depois que a minha esposa implorou, pelo bem do nosso rebento, diminui as cinzas, mas continuei a assar a carne e comê-la, junto com o cachorro, até não aguentar mais. Ele se rendeu bem antes de mim... Joguei o milho na lixeira; o que sobrou e não foi na



brasa, guardei na geladeira. Ao dormir, o cheiro pestilento do fumo se impregnara às paredes, cortinas, forros e onde mais pudesse se agarrar. Tossi a noite inteira, sem poder abrir a janela, pois a minha esposa não suportava ventos noturnos sem se resfriar ou ficar afônica.

Durante uma semana, aguentei o pão que o diabo amassou com o rabo. Comecei a chegar mais tarde, e mais tarde, só para conviver o mínimo possível com aquela jararaca. Ela ainda teve a petulância de me interrogar:

- Por que você vem tão tarde para casa?

- Estou com muito trabalho e fazendo horas extras (mal sabia ela que gastava o tempo sentado no banco da praça, ora comendo, ora dando pipocas aos pombos até atrasar-me ao máximo).

- Desse jeito, não se assuste se a Lurdinha trocar você por um marido de verdade – A maledicência daquela velha era além de má, indecente, pensei.

Sorri um sorriso amarelo, dei de ombros, e fui para o terreiro catar as fezes do cachorro.

Quando faltava um dia para ela retornar à sua casa e nos deixar em paz, recebi a notícia de que adiaria o retorno por mais uma semana. Quando a minha esposa me contou, nem ouvi os motivos. Corri até o quarto, e topei de cara com a megera saindo do banho, enrolada numa toalha de rosto e deixando à mostra todas as celulites, estrias, pelancas e varizes que alguém podia ostentar. Ela deu um grito histriônico, como se tivesse sido atacada por um serial killer.

- Não tem vergonha de entrar assim no quarto de uma dama? – Disse ensandecida, enquanto deixava a toalhinha de rosto cair aos seus pés.

- Ah, velha, vá se danar! – Respondi-lhe, antes da esposa entrar.

- O que foi? O que houve?

- Nada. – Falei.

- Nada uma ova! O grosso do seu marido invadiu o quarto e me pegou assim, desprevenida.

- Desprevenido estava eu, vendo todo esse horror e calamidade!

- Seu... seu...

Peguei uma maleta. Coloquei alguns pares de camisetas, bermudas, shorts e cuecas. Catei o passaporte, a carteira e as chaves do carro. A mulher, ao perceber a situação, disse:

- O que está fazendo, meu bem? Aonde pensa que vai?

Juntei tudo, e saí de casa.

Lá fora, enquanto colocava os pertences no porta-malas, ela surgiu suplicante.

- Não faz isso!... Vamos conversar...

- Por enquanto, não tem conversa. Já me decidi.

Como se não soubesse nada, perguntou:

- Decidiu o quê?

- Vou para a Ucrânia bater nos russos. Se não me quiserem, vou para a África combater o Covid ou Ebola, quem sabe pegar um leão à unha. Se nada disso der certo, já me inscrevi para atravessar as cataratas de Foz do Iguaçu na corda bamba.

- Mas, por quê? – Proferiu entre admirada e convicta da esquisitice.

- É preferível arriscar a vida e ter esperança de sobreviver. Com sua mãe, a morte é certa. Entrei no carro, e sai.

Algo me dizia que ainda não era o fim. Mas, com a velha por perto, o apocalipse já era real.

Zótika

contato@zotika.com.br

5ª Avenida - Savassi - BHZ

(31) 3281-0309 (31) 3261-6665

QUEM SOMOS

MICHEL SALOMÃO - ator, autor e diretor teatral, roteirista, cronista, contista, cartunista, foi o fundador do "Movimento Ridículo", no início dos anos 1980, quando ainda era um estudante de Direito, e mais tarde ganhou os palcos e os vídeos, com o canal "Coisa Ridícula", onde satirizava situações do cotidiano. Autor de várias peças teatrais, a mais recente delas, "A Natureza dos Machos", estreou em 2019, encenada pela "5ª CENA CIA DE TEATRO", tendo participado da Campanha de Popularização do Teatro em Belo Horizonte, em 2020, mas teve que ser interrompida por causa da pandemia.



JORGE F. ISAH - escritor, teólogo, editor, empresário, fundador da Kálamos Editora, autor de vários livros, entre eles "Debaixo de um Carvalho em Ofra", "Esconderijo de Dias Notáveis", "Arpeggios Insulares", "Esconderijo de Dias Intangíveis", "O Morto Inacabado" e "A Viga Oca sobre o Teto". Com uma evidente preocupação com a estética da escrita e uma inconfessada influência de Dostoiévski, vai criando a sua narrativa em labirintos onde o leitor pode se perder ou se encontrar, não sem antes refletir acerca de sua existência ante as questões divinas. O seu site é www.kalamoseditora.com

DANIELA SAVASSI - atriz e produtora há mais de 20 anos, foi apresentadora do programa "Onde mora a felicidade", do SBT/Alterosa, além de criadora do canal "Danivagueando", onde fala sobre o universo feminino. Realizou diversos trabalhos em teatro, TV e cinema, no Brasil e no exterior. Entre suas produções estão o documentário "Blitz Documento", da Documento da banda Blitz, e "Limites Humanos", um documentário sobre esportes radicais para a Turner Latin America. Morou no Rio de Janeiro por 4 anos e lá fez trabalhos como atriz na TV Globo e na Rede Record. Também morou alguns meses na Itália em busca de conhecimentos de arte e produção e 4 anos no Canadá, onde se especializou em atuação e maquiagem para TV e Cinema. O seu site é www.danielasavassi.com



colaboradora

NÁDIA MOREIRA SANTIAGO - Escritora nas horas vagas, bacharel em direito, pós-graduanda em Técnicas de Redação e mãe da Flavinha. O seu instagram é @nadiamsantiago

CARTAS DOS LEITORES

Hélio Honório – Belo Horizonte - MG

Gostei muito da Revista Bulunga. Uma mistura de nostalgia e atualidades, com uma dose de humor irônico e sarcástico, de um jeito que não se via há tempos. Continuem assim.

Bulunga – obrigado, Hélio. Você acertou! Era exatamente o que queríamos: lembrar os velhos tempos, quando havia liberdade para escrever sobre tudo, sem correr o risco de cancelamentos.

Mariana Ferreira – Corumbá - MS

Tirando os artigos da Daniela, achei o resto dos artigos um tanto machistas, mas numa dosagem natural, pois parece que os escritores de barba branca são homens, daquele tipo que não se vê mais por aí.

Bulunga – Mariana, os homens que escrevem nesta revista são uma espécie rara, em vertiginosa extinção. De tão machos que são, se pegarem uma gripe e espirrarem, as mulheres dos arredores engravidam na hora.

Juliano Sobreira – Campinas - SP

Acho que conheço essa personagem “Velha Fumanchu”, do tal Diário do Confinamento. É a minha tia Nilda, que é que nem ela. Só não tem o cachorrinho, pois o último, acho que comeu com farinha.

Bulunga – Não conhecemos a sua tia Nilda, mas podemos assegurar que existem muitas “Velhas Fumanchu” espalhadas por aí.

Márcia Romana – Porto Alegre - RS

Vocês não deviam perder o seu tempo escrevendo essas coisas. O mundo está acabando e o povo precisa de coisas mais edificantes.

Bulunga – Agradecemos a sua observação, Márcia, mas coisas edificantes são escritas por pessoas inteligentes, e essa qualidade nós não possuímos.

Joana, Lagoa Santa - MG

Quero parabenizar a Daniela por escrever de maneira tão intimista. Não concordo com algumas coisas que ela escreve, mas o estilo pessoal me lembra aquele papo sereno na mesa da cozinha, tomando um cafezinho e comendo queijo, com uma amiga. Ela me chama para a sua intimidade, e compartilha suas ideias sem segredos, sem camuflagens. Outro aspecto da revista é a variedade de estilos e temas. Sem dispensar o humor politicamente incorreto.

Bulunga - obrigado, Joana. Depois depositaremos o valor da sua comissão.

Jonathan Ferreira – Rio de Janeiro - RJ

Esse Michel é doido?

Bulunga – não diríamos doido, mas esquisito.

Juliana M. Ramirez – Belo Horizonte - MG

A revista Bulunga não sairá impressa? Queria usar para forrar o chão para os meus cachorros.

Bulunga – por hora, não pensamos em lançar a revista impressa. Mas você poderá usar jornais, que são mais adequados para esse fim. Você terá ótimos resultados com “O Globo”, a “Folha de São Paulo”, o “Estado” e, principalmente “O Estado de Minas”, o preferido dos meus cachorros, porque exala um leve aroma de fezes.

Nazira, Curitiba - PR

Oi pessoal Achei genial a revista!



O formato, a diversidade de assuntos e as análises do Jorge sobre livros são impecáveis. A entrevista com o burro foi a cereja do bolo. Quero mais!! Parabéns!!

Marcus Paolo - São José dos Pinhais - PR

Gostei bastante da revista. Em especial, a biografia do Charles Bukowski, autor que nunca li, ficou tão boa que me instigou o desejo de ler em breve. E a seção de piadas clássicas é um show a parte.

Robertinho, Torres - RS

Maneiro. Um humor parecido com o finado Planeta Diário. Espero que continuem.

Júlio Dias - Belo Horizonte - MG

Entrevista show...curti e curto demais a blitz e vejo no Evandro Mesquita um cara pra cima e de um astral sensacional. Parabéns Bulunga!

Bulunga - Nós é que temos que agradecer a vocês.

PIADAS CLÁSSICAS

O homem sai do enterro da sogra e vai andando pela calçada, mas ao passar por uma obra em construção, o pedaço de um tijolo cai na sua cabeça. Revoltado e meio zonzinho, olha para cima e grita:

- Já chegou aí, né desgraça?

A professora perguntou a um aluno:

- Diga um verbo.

- Bicicreta.

Não é bicicleta, menino, é bicicleta, e bicicleta não é verbo.

Se dirigiu a outro:

- Diga um verbo.

- Prástico...

- Não é prástico, mas plástico. E também não é verbo.

Desesperada, perguntou ao melhor aluno da turma:

- Diga um verbo.

- Hospedar...

- Muito bem! Agora diga uma frase com o verbo que você escolheu.

- Hospedar da bicicleta é de prástico!

O chefe aproxima-se do empregado e pergunta:

- Acredita na vida após a morte?

O empregado responde:

- Claro que não! Não há provas disso!

- Pois, agora existem. Ontem, quando saiu mais cedo para ir ao enterro do seu tio, ele veio aqui atrás de você!

Um perigoso ladrão entra em um banco, faz todos de reféns, enquanto rouba o dinheiro. Antes de sair, pergunta a um homem:

- Você me viu roubar este banco?

O homem, com voz trêmula, disse:

- Vi, sim.

O criminoso, sem dó, mata-o, e interroga o homem que está ao lado:

- E você, me viu aqui?

O rapaz diz:

- Eu não vi nada, não! Mas a minha sogra aqui, disse que viu tudinho...

Três pedreiros, em férias, vão à praia pela primeira vez. Quando chegam, o primeiro, diz:

- Quanta água!

O segundo fala:

- Quanta areia!

O terceiro avisa:

- Vamos fugir, antes que alguém traga o cimento!

O judeu está prestes a morrer e chama o filho, que ajoelha-se ao pé da cama e o velhote, com muito custo, diz:

- Este relógio foi do seu bisavô... depois do seu avô... depois, foi meu...

Agora... chegou a sua vez... quer comprá-lo?...

Duas mulheres estão no bar, quando uma delas diz:

- Está vendo aquelas duas velhas bebendo na outra mesa?

- Sim, estou. Por quê?

- Daqui a vinte anos estaremos assim...

A outra disse:

- Luiza, sua louca! Pare de beber! Não vê que aquilo é um espelho?

Dois homens conversam em um bar.

- Cara, não posso escutar uma buzina...

- Por quê? Trauma de infância?

- Não, é que a minha mulher fugiu com o motorista... E sempre que ouço uma buzina, penso que ele a está trazendo de volta.

A professora pergunta para Joãozinho:

- Joãozinho, diga três partes do corpo com a letra "Z".

- Zoio, Zoreia e Zovido...

Decepcionada, a professora diz:

- Advinha qual é a sua nota? Começa também com "Z".

-Ah, fessora, deve ser zoito.

O bêbado chega na delegacia e o oficial pergunta:

- Você também estava na confusão?

- Não, doutor!

- Então, por que está aqui?

O bêbado responde:

- Os policiais chegaram e gritaram: "Cana pra todo mundo"!... Então eu vim.

Duas octogenárias foram visitar o Egito.

Um bêbado passava e aí perguntaram para ele:

- Sabe dizer onde fica o Museu das Múmias?

O bêbado respondeu:

- Se não sabem o caminho de volta, por que saíram?

O bêbado atravessa a rua e o motorista do carro que estava passando, buzina: "BIBI!"

E o bêbado responde: "eu também bibi"...